

SABEDORIA DE SALOMÃO

AD EXPERIMENTUM

Texto provisório,
destinado à recolha de contributos dos leitores,
no sentido de aperfeiçoar a sua compreensibilidade.
Os comentários devem ser enviados para o endereço eletrónico:
biblia.cep@gmail.com

INTRODUÇÃO

Autor e data

O Livro da Sabedoria (como lhe chama a tradição latina da Vulgata), ou Sabedoria de Salomão (assim intitulado na tradição manuscrita grega e na antiga versão latina), é um escrito sapiencial, tradicionalmente atribuído a Salomão, assim como outras composições bíblicas, mormente sapienciais (Provérbios, Coélet, Cântico dos Cânticos ou Cântico de Salomão). Tal facto deve-se, muito provavelmente, à parte central do livro (Sb 7-9) construída sobre a figura de Salomão, o rei sábio, mesmo que este monarca nunca seja expressamente mencionado.

No entanto, indícios linguísticos e temáticos levam a uma datação bem mais tardia. As diferentes hipóteses situam a composição entre o século II a.C. e 30 d.C., embora não haja consenso definitivo sobre a data precisa. O seu autor poderá ter sido um piedoso judeu de Alexandria, conhecedor quer da tradição bíblica, quer do pensamento das escolas filosóficas gregas, dadas as perceptíveis afinidades com ambas, tendo o mérito de colocar a tradição bíblica em diálogo com a filosofia grega, sem descuidar aquela que parece ser a sua principal finalidade: instruir os judeus da diáspora, a fim de conservarem os seus valores e não se deixarem contaminar pela idolatria.

O Livro da Sabedoria foi escrito em grego, não tendo, por isso, sido aceite no cânone hebraico das Escrituras. No entanto, faz parte do cânone católico, que assumiu os livros dos LXX, ou seja, também os chamados deuteroacanónicos.

Estilo e género literário

A unidade do livro é evidenciada não só pelo seu género literário, mas também pelo seu estilo cuidado, que dedica particular atenção ao vocabulário e às normas da retórica grega. Nota-se, por isso, a preocupação de cativar os seus destinatários, judeus de Alexandria e da diáspora grega, mediante a beleza da forma literária. Diante da sedução da cultura grega e do conseqüente perigo de idolatria e apostasia, o autor do Livro da Sabedoria mostra que é possível dizer a fé judaica na beleza da forma literária grega, enriquecida pelo autor com o *midrash* (lit.: *procura*), uma técnica característica da literatura religiosa de Israel que escrutina na Escritura os elementos necessários para ler a realidade atual à luz da fé bíblica. Desta forma, o autor utiliza um género literário a que se poderia chamar um *midrash grego das Escrituras*.

Conteúdo e estrutura

No contexto da tradição sapiencial bíblica, o Livro da Sabedoria apresenta uma proposta de vida assente na relação com Deus e inspirada na sua Sabedoria, apresentada com características quase divinas e que é oferecida a quem verdadeiramente a deseja e procura.

Começando por apresentar a controvérsia entre ímpios e justos (cf. caps. 1-5) – em que os primeiros pretendem colocar à prova a fé dos segundos – o autor demonstra o perigo que assalta as comunidades judaicas da diáspora de se deixarem seduzir pela insensatez do ambiente pagão e desvalorizarem o caminho da justiça e da sabedoria, conteúdos próprios da religião de Israel. Perante o encanto das filosofias e doutrinas gregas, o livro apresenta a procura da sabedoria divina e o seu acolhimento (cap. 6) como o único caminho de felicidade, tal como o foi no caso de Salomão (caps. 7-9) e como bem demonstra a história de Israel, cujos sucessos revelam a presença da Sabedoria no meio do Povo (caps. 10-19).

Por outro lado, já no cap. 6 e mais desenvolvidamente nos caps. 7-9, a sabedoria é apresentada não apenas como uma virtude dada por Deus, mas com traços personificantes, revelando-a quase como que uma pessoa muito próxima de Deus, nomeadamente na criação e na redenção do mundo. Por isso, depois de se fazer o seu elogio (caps. 7-8) e de se apresentar a oração (de Salomão) a pedi-la (cap. 9), nos caps. 10-19, a sabedoria é vista como sujeito de ações tipicamente atribuídas a Deus nos livros do Pentateuco, fazendo-se uma releitura da história da salvação, desde a criação até ao êxodo, à luz da presença da Sabedoria entre o Povo de Israel e recorrendo à técnica literária judaica do *mídrash*.

Esta reflexão será retomada no Novo Testamento, que apresenta Jesus como a Sabedoria encarnada (sobretudo Jo 1,1-18; Cl 1,15-20).

Com base neste princípio unificador, a obra apresenta três grandes secções e uma breve conclusão:

- I. Viver segundo a Sabedoria (caps. 1-6)
 1. Controvérsia com os ímpios (caps. 1-5)
 2. Exortação a procurar a Sabedoria (cap. 6)
- II. Salomão e a procura da Sabedoria (caps. 7-9)
 1. Elogio da Sabedoria (caps. 7-8)
 2. Oração a pedir a Sabedoria (cap. 9)
- III. A Sabedoria na história (10,1–19,12)
- IV. Conclusão (19,13-22).

I. VIVER SEGUNDO A SABEDORIA (1,1 – 6,26)

Controvérsia com os ímpios (1,1 – 5,23)

1 Exortação a procurar a justiça

- ¹ Amai a justiça, ó vós que julgais a terra^a,
 pensai no Senhor com bons sentimentos
 e procurai-o com sinceridade de coração.
- ² Ele deixa-se encontrar por aqueles que não o põem à prova
 e manifesta-se aos que nele não perderam a confiança.
- ³ De facto, os pensamentos perversos separam de Deus,
 e o Todo-Poderoso^b, quando é posto à prova, confunde os insensatos.
- ⁴ Porque a Sabedoria não entra numa alma que pratica o mal,
 nem habita num corpo que está submetido ao pecado^c.
- ⁵ Pois o santo espírito, que nos educa^d, foge do engano,
 afasta-se de pensamentos insensatos
 e é recriminado quando a iniquidade se torna presente.
- ⁶ A Sabedoria é um espírito amigo dos homens,
 mas que não deixa impune aquele que blasfema com seus lábios,
 porque Deus é testemunha do que se passa no seu íntimo,
 vigia atentamente o que se passa no seu coração
 e escuta o que diz a sua língua^e.
- ⁷ Porque o Espírito do Senhor encheu a terra:
 Ele abarca todas as coisas e conhece tudo o que se diz^f.
- ⁸ Por isso, não pode escapar quem diz iniquidades,
 nem lhe passar ao largo a justiça acusadora.
- ⁹ Os planos do ímpio serão escrutinados^g,
 e o eco das suas palavras chegará ao Senhor,
 para que os seus delitos sejam reprovados.

^a *Julgar* no sentido de *governar* (na medida em que a aplicação da justiça é uma das principais ações de governo). Salomão, considerado pela tradição como o autor do livro, dirige-se a todos os seus pares, embora, na prática, os destinatários sejam os judeus em risco de deixarem diluir a sua fé nas filosofias e religiões pagãs.

^b Lit.: *poder*, provável circunlóquio para referir Deus (cf., por ex., Mc 14,62).

^c *Alma e corpo*: elementos constitutivos do ser humano, segundo a filosofia grega.

^d Lit.: *santo espírito de educação*. Por contraposição aos pedagogos e educadores gregos, o autor apresenta o verdadeiro educador: o Espírito Santo que habita a Sabedoria (7,22).

^e Lit.: *é testemunha dos seus rins / e supervisor verdadeiro do seu coração / e ouvidor da língua*. Os *rins*, na tradição bíblica, são a sede dos desejos mais profundos do ser humano, assim como o *coração* é a sede da sua atividade consciente, intelectual e afetiva.

^f Lit.: *tem conhecimento da voz*.

^g Lit.: *em planos de ímpio haverá escrutínio*.

- ¹⁰ Porque um ouvido zeloso^a tudo ouve,
e nem o sussurro das murmurações passa despercebido.
- ¹¹ Guardai-vos, portanto, das murmurações inúteis
e preservai a língua da maledicência,
porque nenhuma frase dita em segredo cairá no vazio:
uma boca mentirosa destrói a alma.
- ¹² Não andeis à procura da morte com a vossa vida extraviada^b,
nem causeis a perdição com as obras das vossas mãos,
- ¹³ porque Deus não fez a morte
nem se deleita com a perdição dos vivos.
- ¹⁴ De facto, Ele tudo criou para que subsista
e são salutares as criaturas do mundo^c:
não há nelas veneno destruidor,
nem a morada dos mortos^d reina na terra.
- ¹⁵ A justiça, com efeito, é imortal^e.

Os projetos dos ímpios

- ¹⁶ Os ímpios, porém, invocam a morte com gestos^f e palavras;
considerando-a como amiga, consomem-se por ela
e com ela fazem pacto:
merecem, pois, que ela lhes caiba em sorte^g.

2¹Nos seus pensamentos errados^h, dizem entre si:
«A nossa vida é curta e triste,
e, quando o homem morreⁱ, não há remédio:
não se conhece quem tenha regressado da morada dos mortos^j».

² Nascemos por um acaso

^a Lit.: *ouvido de zelo*.

^b Lit.: *em extravio de vossa vida*.

^c Ou seja, Deus criou os seres vivos com a possibilidade de se reproduzirem, sendo transmissores da vida.

^d Lit.: *Hades*, o submundo da mitologia grega que traduz o *Sheol* hebraico.

^e A afirmação refere-se à justiça concretizada na vida do justo, para quem a vida é imortal (cf. 3,1 nota). Algumas versões latinas acrescentam: *Mas a injustiça é uma aquisição da morte*.

^f Lit.: *invocam-na com as mãos*. O referente no grego não é claro, mas no contexto parece referir-se à morte (vv.12s). Os *ímpios* não são apenas os pagãos, mas de modo particular os judeus que apostaram e que, para além de abraçarem as filosofias e as religiões gregas, ridicularizam e inclusivamente perseguem os seus irmãos de raça, fiéis ao Senhor e à Lei.

^g Lit.: *porque são dignos de ter parte nela*.

^h 2,1-20 apresenta um discurso na boca do ímpio sobre o justo sofredor, concretizado em pessoas ou grupos concretos e no próprio povo de Israel, nas suas vicissitudes históricas; a comunidade cristã viu neste justo perseguido a prefiguração profética de Jesus.

ⁱ Lit.: *em fim de homem*.

^j Lit.: *Hades* (cf. 1,14 nota).

- e havemos de passar^k como se não tivéssemos existido;
 a respiração das nossas narinas é apenas vapor,
 e um pensamento uma centelha no palpitir do nosso coração;
³ quando esta se apagar, o corpo converter-se-á em cinzas,
 e o espírito se desvanecerá como o ar suave.
- ⁴ Com o tempo, o nosso nome será esquecido,
 e ninguém se recordará das nossas obras;
 a nossa vida passará como os contornos de uma nuvem,
 dissipar-se-á como a neblina posta em fuga pelos raios do Sol
 e abatida pelo seu calor.
- ⁵ Os nossos dias^l são uma sombra que passa,
 e a nossa morte é irreversível,
 porque (lhe) foi colocado um selo, e ninguém pode regressar.
- ⁶ Vinde, pois, e gozemos dos bens presentes,
 usufruamos da criação com a sofreguidão da juventude^m.
- ⁷ Enchamo-nos do melhor vinho e de perfumes,
 que não nos passe ao largo a flor da primavera;
⁸ coroemo-nos com botões de rosa, antes que murchem.
- ⁹ Que nenhum de nós fique fora das nossas orgias;
 deixemos, por todo o lado, sinais da nossa alegria,
 porque esta é a nossa sorte, e é esta a nossa herança.
- ¹⁰ Oprimamos o justo que é pobreⁿ,
 não poupemos a viúva,
 nem respeitemos os veneráveis cabelos brancos do ancião.
- ¹¹ Que a nossa força seja lei da justiça,
 pois a debilidade de nada serve.
- ¹² Preparemos emboscadas ao justo, porque nos incomoda
 e se opõe às nossas obras;
 censura-nos as faltas contra a lei
 e acusa-nos das faltas que cometemos contra a educação que nos deram^o.
- ¹³ Ele afirma que conhece Deus^p
 e intitula-se a si mesmo filho do Senhor.
- ¹⁴ Tornou-se^q um acusador das nossas intenções;
 é-nos insuportável só o facto de o vermos,

^k Lit.: *depois disto seremos.*

^l Lit.: *o nosso tempo.*

^m Lit.: *como em juventude sofregamente.*

ⁿ Ironia sarcástica da parte do hipotético interlocutor, pois, segundo a teologia tradicional veterotestamentária da retribuição, o justo deveria ser abençoado com a prosperidade.

^o Lit.: *faltas de nossa educação.*

^p Lit.: *ter conhecimento de Deus.*

^q O grego acrescenta *para nós.*

- ¹⁵ porque a sua vida não é igual à dos outros,
e os seus caminhos são diferentes.
- ¹⁶ Ele considera-nos moeda falsa,
e afasta-se dos nossos caminhos como o faz das coisas impuras;
proclama que é ditoso o destino dos justos e vangloria-se de ter a Deus por pai.
- ¹⁷ Vejamos se as suas palavras são verdadeiras
e comprovemos o que lhe acontecerá no fim da vida^a:
- ¹⁸ se o justo é, de facto, filho de Deus, Ele virá em seu auxílio,
e o livrará das mãos dos inimigos.
- ¹⁹ Ponhâmo-lo à prova com insultos e tormentos,
para conhecermos a sua mansidão
e examinarmos a sua paciência.
- ²⁰ Condenêmo-lo a uma morte infame,
porque – segundo ele diz^b – Deus intervirá em seu favor^c».
- ²¹ É assim que eles pensam^d, mas estão enganados,
pois cega-os a sua maldade,
- ²² não conhecem os mistérios de Deus^e,
não esperam a recompensa da piedade,
nem acreditam no prémio para as almas puras.
- ²³ Deus criou o homem para a incorruptibilidade^f
e fê-lo imagem da sua própria imortalidade;
- ²⁴ foi por inveja do Diabo^g que a morte entrou no mundo,
e experimentam-na aqueles que têm parte com ele^h.

3 Destino dos justos

¹As almas dos justos estão na mão de Deus,
e nenhum tormento as atingiráⁱ.

^a Lit.: *em sua saída*.

^b Lit.: *de suas palavras*.

^c Lit.: *haverá visita dele*; a *visita* de Deus é uma expressão para falar da intervenção de Deus, de salvação para os justos, de perdição para os ímpios.

^d Em 2,21-24, o autor retoma e desenvolve a tese, já apresentada em 1,13-15, de que Deus criou o homem para a eternidade.

^e Os *mistérios de Deus* são o seu projeto acerca do destino eterno do homem; os ímpios desconhecem-nos porque negam a esperança numa vida para além da morte.

^f Outros mss. leem: *à imagem do seu ser ou das suas propriedades*.

^g A identificação da serpente de Gn 3 com o Diabo é uma interpretação do autor de Sb.

^h Ou seja, a morte é apenas para os que pertencem ao Diabo; os justos terão uma vida no Além com Deus (3,9; 5,5.15). Trata-se de uma morte física, mas também espiritual, pela separação definitiva de Deus (cf. Rm 5,12s), simbolizada no *Hades (morada dos mortos)*: 1,14).

ⁱ Segundo a teologia tradicional de Israel, que entendia a vida apenas sobre a terra, a bênção de Deus (retribuição) manifestava-se na longevidade, na descendência numerosa e numa vida tranquila e feliz. Nos caps. 3-4, o autor, iluminado pela fé na imortalidade, apresenta uma lógica diferente, mediante uma contraposição contínua entre os justos e os ímpios: os justos, embora possam morrer sofrendo, serão salvos, enquanto os ímpios, que nada entendem e que se afastaram do Senhor, sofrerão as consequências disso

- ² Aos olhos dos insensatos parecia que tinham morrido: a sua sáida deste mundoⁱ foi considerada uma desgraça
- ³ e a sua partida de entre nós um aniquilamento, mas eles estão em paz.
- ⁴ Pois, ainda que aos olhos dos homens estivessem a ser punidos, a sua esperança estava repleta de imortalidade^k;
- ⁵ depois de uma leve pena^l, receberão grandes benefícios, porque Deus os pôs à prova^m e achou-os dignos de si.
- ⁶ Ele os provou como ao ouro no crisol, e recebeu-os como a um sacrifício de holocaustoⁿ.
- ⁷ No tempo da intervenção de Deus, os justos^o resplandecerão e hão de propagar-se como as centelhas na palha;
- ⁸ julgarão as nações e dominarão os povos^p, e o Senhor reinará sobre eles eternamente.
- ⁹ Os que nele confiam compreenderão a verdade, e os que são fiéis no amor permanecerão junto dele; porque a graça e a misericórdia são para os seus santos e Ele intervém em favor dos seus eleitos^q.

Destino dos ímpios

- ¹⁰ Os ímpios, porém, serão castigados pelos seus pensamentos^r, eles que desprezaram o justo e se afastaram do Senhor.
- ¹¹ Infeliz daquele que desdenha a sabedoria e a instrução: é vã a sua esperança, estéreis as suas fadigas e sem proveito as suas obras.

(3,1-12); a mulher estéril e o eunuco, que parecem amaldiçoados, serão abençoados, por contraposição aos ímpios, que, embora possam ter uma descendência numerosa, não retirarão disso qualquer proveito, por viverem contra a Lei (3,13-19); o justo pode, porventura, não ter descendência e inclusivamente morrer prematuramente, mas será glorificado, enquanto o ímpio, embora tenha uma numerosa descendência e venha a viver longos anos, não gozará nem uma nem outra situação com honra (4,1-20). Enquanto os justos viverão eternamente (3,9), os ímpios desaparecerão para sempre, inclusivamente a sua memória (4,19).

^j *Deste mundo* é acrescento da tradução.

^k Vocabulo usado pela primeira vez no AT (cf. 4,1; 8,13.17; 15,3) e que parece ter entrado no livro por influência da filosofia grega, embora no contexto significativo bíblico, desenvolvendo a ideia do *Sheol*: não se trata já de uma pálida sobrevivência, longe de Deus e triste (cf. Sl 6,6; 30,10; 39,14; 88,6.11-13; 115,17; Jb 3,17-19; Is 38,18; 14,9-15), mas de um estado de plena felicidade do justo junto de Deus.

^l Lit.: *castigados um pouco*.

^m Na teologia do AT, as provações são uma ocasião para revelar a verdade das pessoas e das suas intenções (cf. Gn 22,1; Tb 12,13; Jb 1-2; Sl 66,10).

ⁿ Tipo de sacrifício em que a vítima era totalmente consumida no fogo.

^o Lit.: *da visita dele* (sobre a expressão, cf. 2,20 nota); *justos* é acrescento da tradução.

^p Referência à participação dos justos glorificados na escatológica ação divina da destruição do mal.

^q Segue-se o texto da NVg; o grego apresenta *porque a graça e a misericórdia [são] para os seus eleitos*.

^r Lit.: *segundo pensaram terão castigo*.

¹² As suas mulheres são insensatas,
malvados os seus filhos,
maldita a sua descendência.

Esterilidade dos justos e fecundidade dos ímpios

- ¹³ Feliz a mulher^a estéril que não tem mancha,
que não teve uma relação íntima pecaminosa^b:
ela frutificará no dia em que Deus intervier^c.
- ¹⁴ Feliz também o eunuco^d que não praticou delitos com as suas mãos,
nem teve maus pensamentos contra o Senhor,
pois, pela sua fidelidade, ser-lhe-á concedida uma graça especial
e um lugar^e aprazível no santuário do Senhor.
- ¹⁵ Com efeito, esplêndido é o fruto do trabalho honesto
e infalível a raiz da prudência.
- ¹⁶ Os filhos dos adúlteros^f, porém, não chegarão à maturidade,
e os que descendem^g de uma união legítima desaparecerão.
- ¹⁷ Mesmo que tenham longa vida, ninguém lhes dará importância,
e no final terão uma velhice sem honra.
- ¹⁸ Se morrerem cedo, não terão esperança,
nem consolação no dia da sentença.
- ¹⁹ De facto, é penoso o final de uma linhagem iníqua.

4 Morte prematura dos justos e longa vida dos ímpios

- ¹ Mais vale ter virtude do que ter filhos,
pois a recordação da virtude é imortal^h:
ela é reconhecida por Deus e pelos homens.
- ² Quando ela está presente, imitam-na,
e anseiam por ela, quando desaparece;
na eternidade, é coroada e desfila triunfalmente
por ter vencido, sem mancha, os combatesⁱ.

^a Mulher é acrescento da tradução.

^b Lit.: *que não conheceu leito em falta*. Referência ao adultério, mas também à relação sexual no seio dos casamentos mistos, proibida pela Lei (cf. Dt 7,3; Esd 9,1-2).

^c Lit.: *terá fruto na visitação das almas*.

^d Cf. Is 56,3-4, onde o eunuco é intimado a não se considerar fruto de maldição (cf. Dt 23,2).

^e Lit.: *berança*.

^f Além dos adúlteros propriamente ditos, poderá referir-se também aos judeus apóstatas (entendendo a apostasia como adultério religioso) e aos judeus envolvidos em casamentos mistos (cf. 3,13 nota).

^g Lit.: *e semente*.

^h Lit.: *pois existe imortalidade na memória dela*: para o termo *imortalidade*, cf. 3,4 nota; aqui refere-se à lembrança da pessoa, que perdura no tempo.

ⁱ Linguagem evocativa das competições atléticas gregas: o vencedor recebia uma coroa e, em sua honra, era organizado um cortejo celebrativo.

- ³ Já a inumerável multidão dos ímpios não prosperaráⁱ
e dos seus rebentos espúrios não lançará raízes profundas,
nem estabelecerá bases sólidas^k.
- ⁴ E ainda que desponte por algum tempo nos ramos,
como está mal segura, será sacudida pelo vento
e arrancada pela violência dos vendavais.
- ⁵ Serão quebrados os ramos ainda tenros,
o seu fruto não se poderá aproveitar: demasiado verde para ser comido,
sem utilidade para nada.
- ⁶ Pois os filhos nascidos de noites^l ilícitas
são testemunhas da perversidade dos seus pais aquando do seu interrogatório.
- ⁷ Mas o justo, ainda que morra prematuramente, terá repouso^m.
- ⁸ De facto, uma velhice respeitável não é a de uma vida longaⁿ,
nem se mede pelo número de anos;
- ⁹ os cabelos brancos são para o homem sinónimo de prudência,
e a velhice sinal de^o uma vida imaculada.
- ¹⁰ Tendo sido agradável a Deus, foi por Ele^p amado,
e, visto que vivia entre pecadores, foi por Ele levado para outro lugar;
- ¹¹ foi arrebatado^q, para que a maldade não pervertesse a sua inteligência,
nem a perfídia lhe enganasse a alma.
- ¹² Pois o fascínio do mal eclipsa o bem,
e o turbilhão dos desejos perverte até uma mente sem malícia^r.
- ¹³ Tendo chegado à maturidade em pouco tempo,
atingiu a plenitude de uma vida longa^s;
- ¹⁴ como a sua vida era agradável ao Senhor,
Ele depressa o retirou do meio da malícia.
Os povos, porém, viram e não compreenderam,
e nem sequer se deram conta^t

^j Lit.: *não será aproveitável*.

^k Segundo a teologia tradicional do AT sobre a retribuição, quando a punição não é dada ao ímpio durante a sua vida, será dada à sua descendência, até à terceira ou quarta geração (Ex 20,5).

^l Lit.: *sonos*, uma alusão às relações sexuais.

^m 4,7-19: por uma questão de justiça, o destino do justo deveria ser uma longa vida (Dt 4,40; 5,16; Jb 5,26; Sl 91,16; Pr 3,2.16; 4,10; Sir 1,12.20) e o dos ímpios uma morte repentina ou violenta (cf. Jb 15,20-23; 18,5-20; Sl 37; 73,18-20), ainda que por vezes tal não aconteça (cf. 2Rs 23,29; Jb 21,7; Co 8,12-14).

ⁿ Lit.: *que [existe] muito tempo*.

^o Lit.: *idade de velhice*. Sinónimo de e sinal de são acrescentos da tradução.

^p *Por Ele* é acrescento da tradução, em ambas as ocorrências no v.

^q Provável referência a Henoc (cf. Gn 5,24; Sir 44,16; Heb 11,5), ou a Elias (cf. 2Rs 2,11).

^r Lit.: *mente não má*.

^s Lit.: *encheu grandes/longos tempos*.

^t Lit.: *nem pondo (eles) tal sobre mente*.

- ¹⁵ de que a graça e a misericórdia são para os seus eleitos^a e a sua intervenção para os seus santos^b.
- ¹⁶ O justo que morre condenará os ímpios que sobreviverem, e um jovem, que precipitadamente encontra o seu fim, condenará^c a longa vida de um ancião iníquo.
- ¹⁷ Com efeito, eles verão a morte do sábio, e não compreenderão o que o Senhor pretendia dele, nem por que razão o colocou em lugar seguro^d.
- ¹⁸ Hão de ver e desdenhar, mas será o Senhor a rir-se deles:
- ¹⁹ acabarão por se tornar^e um cadáver sem honra^f, uma ignomínia entre os mortos, para sempre, porque o Senhor^g os precipitará de cabeça, sem que possam falar; Ele os sacudirá nos seus alicerces, e ficarão totalmente^h ressequidos. Viverão na dor, e a sua memória desaparecerá.
- ²⁰ Hão de comparecer atemorizados quando os seus pecados forem contadosⁱ, e os seus delitos levantar-se-ão contra eles, para os acusar^j.

S Juízo final dos justos e dos ímpios

- ¹ Nesse momento, o justo ficará corajosamente de pé^k diante daqueles que o atribularam e dos que desprezaram os seus esforços.
- ² Ao vê-lo, serão abalados por um medo terrível, e ficarão espantados perante uma tão inesperada salvação.
- ³ Dirão entre si, arrependidos, entre gemidos, com o espírito angustiado^l:

^a Lit.: *estão nos seus eleitos*.

^b Lit.: *a visitação [é] nos seus santos*; sobre o sentido de *visitação*, cf. 2,20 nota.

^c *Condenará* é acresceto da tradução.

^d Lit.: *para que o fez seguro*.

^e Lit.: *serão depois disto*.

^f Ou seja, não sepultado (cf. Is 14,19; Jr 22,19; Ez 29,5).

^g *O Senhor* é acresceto da tradução.

^h Lit.: *até ao fim*.

ⁱ Lit.: *em contabilidade de pecados*.

^j Lit.: *de contrário*.

^k O cap. 5 apresenta um hipotético discurso no Além, no momento do julgamento, em que o justo se encontra vivo e salvo (1.4s.15s), enquanto os ímpios confessam o seu remorso, reconhecendo que a sua vida cairá no nada (vv.6-13). No v.14, o autor retoma a palavra, confirmando a inevitável condenação dos ímpios, e nos vv.17-23 apresenta a luta escatológica, em que Deus libertará para sempre a terra do poder dos malvados.

^l Lit.: *e por causa do gemido de espírito, gemerão e dirão*.

- ⁴ «Era este quem tínhamos outrora como alvo de chacota^m
e a quem – nós, insensatos – insultávamosⁿ!
Considerámos a sua vida uma loucura
e a sua morte uma desonra.
- ⁵ Como é que agora^o foi contado entre os filhos de Deus
e partilha a herança dos santos^p?
- ⁶ Fomos nós, pois, que nos extraviámos do caminho da verdade,
e a luz da justiça não brilhou para nós,
nem para nós se levantou o sol;
- ⁷ andámos a saciar-nos nas veredas da iniquidade e da perdição,
percorremos desertos intransitáveis,
mas não reconhecemos o caminho do Senhor.
- ⁸ De que nos serviu a arrogância?
E que riqueza nos veio com a nossa soberba?
- ⁹ Tudo isto passou como uma sombra,
como uma mensagem fugaz.
- ¹⁰ É como um navio que sulca águas agitadas,
sem que se encontre rasto da travessia,
nem, nas ondas, a esteira da sua quilha;
- ¹¹ ou, então, como um pássaro que voa pelos ares,
sem que se encontre vestígio do seu trajeto:
o ar suave é fustigado pelas suas penas^q
e rasgado pela força do seu movimento^r,
enquanto com o bater das suas asas vai abrindo caminho,
sem que, depois disto, se encontre^s sinal da sua passagem.
- ¹² Ou, ainda, como quando se atira uma flecha ao alvo:
o ar por ela^t cortado volta a juntar-se,
sem que se saiba qual foi o seu percurso.
- ¹³ Assim também nós: mal nascemos, desaparecemos,
sem termos conseguido mostrar um único sinal de virtude^u,
pois deixámo-nos consumir pela nossa própria maldade».
- ¹⁴ Sim^v, a esperança do ímpio é como poeira levada pelo vento,

^m Lit.: *tínhamos para riso*.

ⁿ Lit.: *e para parábola de insulto*.

^o *Agora* é acresceto da tradução.

^p Lit.: *e entre os santos está a herança dele?* A expressão *santos* poder-se-á referir tanto aos justos glorificados como aos anjos e aos membros da corte celeste.

^q Lit.: *fustigado por fila/tapete de penas*.

^r Lit.: *por força de ruído*, por extensão *movimento veloz*.

^s O grego acrescenta *nele*.

^t *Por ela* é acresceto da tradução.

^u Lit.: *e nenhum sinal de virtude temos para mostrar*.

^v O autor confirma a reflexão/confissão dos ímpios, desenvolvendo a certeza da sua condenação.

como frágil geada levada pela tempestade;
 como fumo disperso pelo vento,
 desaparece como a lembrança de um hóspede acolhido por um só dia^a.

- ¹⁵ Os justos, porém, vivem para sempre,
 encontram no Senhor a sua recompensa,
 e o Altíssimo os ampara^b.
- ¹⁶ Por isso, receberão a esplêndida coroa real^c
 e um belo diadema^d da mão do Senhor;
 Ele os protegerá com a sua mão direita
 e com o seu braço os defenderá.
- ¹⁷ Tomará o seu zelo como armadura^e
 e armará a criação para punir os inimigos^f;
- ¹⁸ vestirá a justiça como couraça
 e colocará como elmo um julgamento imparcial.
- ¹⁹ Tomará como escudo a invencível santidade,
²⁰ afiará como espada^g a sua ira implacável,
 e o universo lutará a seu lado contra os insensatos.
- ²¹ Partirão bem certos os raios dos relâmpagos^h,
 e, como de um arco retesado, lançar-se-ão das nuvens sobre o alvo;
- ²² de uma funda serão lançadas pedras de granizo cheias de cólera;
 as águas do mar se enfurecerão contra eles,
 e os rios hão de arrastá-los sem piedade;
- ²³ investirá contra eles um vento impetuoso,
 e como um furacão os dispersará.
 A iniquidade tornará deserta a terra inteira,
 e a malvez derrubará o trono dos poderosos.

Exortação a procurar a Sabedoria (6,1-25)

6 Os reis devem procurar a Sabedoria

- ¹ Escutai, pois, ó reis, e entendei;
 aprendei, governantes de toda a terraⁱ.
- ² Prestai atenção, vós que dominais multidões

^a Lit.: *de hóspede de um só dia*.

^b Lit.: *e no Senhor [existe] sua recompensa, e o seu cuidado junto de [o] Altíssimo*.

^c Com a NVg.; o grego lê *palácio real* ou *realza*.

^d Lit.: *diadema de beleza*.

^e Cf. Is 59,16-17.

^f Com a NVg., que interpreta o grego (que poderia dar a ideia de defesa dos inimigos).

^g Cf. Dt 32,41; Is 66,16; Ez 21.

^h Cf. Ex 19,16.

ⁱ Cf. Ex 9,23-25; Js 10,11; Is 28,17; Ez 13,13; 38,22; Ap 8,7; 11,19; 16,21.

^j Lit.: *de confins de terra*.

- e que vos vangloriais de ter uma multidão de súbditos^k:
³ foi do Senhor que recebestes o poder,
 e do Altíssimo a soberania^l;
 Ele examinará as vossas obras e sondará os vossos desígnios.
⁴ Porque, sendo servidores do seu reino, não governastes com retidão,
 nem observastes a lei^m,
 nem procedestes de acordo com o desígnio de Deus.
⁵ Ele cairá sobre vós inesperadamente e de um modo terrível,
 porque o julgamento é implacável para os que têm autoridadeⁿ.
⁶ Ao mais pequeno é-lhe perdoado por misericórdia^o,
 mas os poderosos serão vigorosamente examinados.
⁷ Aquele que é o Senhor^p de todos não recuará perante ninguém^q
 e não se intimidará com a grandeza,
 porque foi Ele quem criou o pequeno e o grande,
 e preocupa-se com todos de igual modo;
⁸ mas sobre os poderosos recairá um rigoroso exame^r.
⁹ É, pois, a vós, ó soberanos, que se dirigem as minhas palavras^s,
 para que aprendais a sabedoria e não prevariqueis;
¹⁰ os que guardam santamente as coisas santas serão reconhecidos como santos,
 e os que se deixam ensinar por elas, nelas^t encontrarão uma defesa.
¹¹ Desejai, pois, as minhas palavras,
 ansiai por elas e sereis instruídos.

A Sabedoria deixa-se encontrar

- ¹² A Sabedoria é luminosa e imperecível,
 pode facilmente ser vista por aqueles que a amam,
 e encontrada pelos que a procuram;
¹³ ela adianta-se a dar-se a conhecer àqueles que a desejam.
¹⁴ Quem madruga por ela não se afadiga,
 pois encontrará-la-á sentada à sua porta.

^k Lit.: *sobre multidões de povos*.

^l A origem divina do poder (1Cr 29,12; Pr 8,15s; Sir 10,4; Dn 2,37; 5,18), mais do que uma legitimação de quem o exerce, recorda que este é dado para ser exercido, como um serviço, em nome de Deus e de acordo com a sua vontade (v.4).

^m A lei natural, inscrita na consciência (Rm 2,14) e que se espelha nas diferentes legislações.

ⁿ Lit.: *nos que têm acima*.

^o Lit.: *o mais pequeno é perdoável de misericórdia*.

^p A palavra em grego aqui usada (*despótēs*, lit. *amo* ou *dono*) não é a mais frequentemente usada para referir o Senhor (*kýrios*).

^q Lit.: *não retira rosto*.

^r Lit.: *forte examinação*.

^s Lit.: *para vós, então, ó poderosos, [existem] as minhas palavras*.

^t *Nelas* é acrescento da tradução.

- ¹⁵ Meditar sobre ela é perfeição da prudência,
e quem vela por sua causa depressa se verá livre de preocupações.
- ¹⁶ Porque ela procura por toda a parte^a os que são dignos dela,
mostra-se-lhes com benevolência pelos caminhos,
e sai-lhes ao encontro em cada uma das suas reflexões.
- ¹⁷ O seu verdadeiro princípio é o desejo de ser instruído^b,
e o interesse por ser instruído é já amor;
- ¹⁸ o amor consiste^c em observar as suas leis,
e guardar as leis é garantia de incorruptibilidade;
- ¹⁹ e a incorruptibilidade, por sua vez, faz estar próximo de Deus.
- ²⁰ Desta forma, o desejo da Sabedoria conduz ao reino.
- ²¹ Portanto, se vos deleitais com tronos e cetros, ó soberanos dos povos,
honrai a Sabedoria, para que possais reinar para sempre.
- ²² Vou contar-vos o que é a Sabedoria e qual a sua origem;
não esconderei de vós os mistérios;
vou procurar os seus vestígios desde as origens^d,
tornando manifesto o que dela se conhece^e,
sem jamais me afastar da verdade.
- ²³ Não caminharei junto com a inveja que corrói,
porque esta não se dá com a Sabedoria.
- ²⁴ Uma multidão de sábios é a salvação do mundo,
e um rei prudente é a estabilidade do seu povo.
- ²⁵ Deixai-vos, pois, instruir pelas minhas palavras, e delas haveis de tirar proveito.

II. SALOMÃO E A PROCURA DA SABEDORIA (7,1 – 9,18)

Elogio da Sabedoria (7,1 – 8,21)

7 Salomão, homem mortal

¹Também eu sou um homem mortal, igual a todos^f,
descendente do primeiro, que foi formado da terra.
A minha carne foi esculpida no ventre materno,

^a Lit.: *anda às voltas procurando*.

^b Lit.: *é desejo de instrução*. 6,17-20 constitui um *sorites*, figura de estilo característica da retórica antiga que liga várias frases, de modo que o predicado da primeira é o sujeito da segunda, e assim sucessivamente até à conclusão do raciocínio.

^c *Consiste* é acresceto da tradução.

^d Lit.: *procurarei desde princípio de geração*.

^e Lit.: *pondo para o visível o conhecimento dela*.

^f A afirmação de Salomão – a quem a tradição atribui o livro – de que é igual a todos, desenvolvida nos vv.1-6, sublinha que a Sabedoria não é um dom natural, mas uma dádiva de Deus, como se afirma a partir do v.7.

- ² durante dez meses^g fui ganhando consistência no sangue,
a partir da semente de um homem e do prazer que é cúmplice do sono.
- ³ Também eu, quando nasci, respirei o ar comum,
e caí na mesma terra sofrida,
o meu primeiro som foi o choro, tal como acontece a todos^h;
- ⁴ fui criado com mimos, entre cueiros.
- ⁵ Nenhum rei conheceu outra origemⁱ;
- ⁶ uma só é para todos a entrada na vida, e igual é a saída.

Dons da Sabedoria

- ⁷ Por isso rezei, e foi-me concedida a prudência;
implorei, e veio a mim o espírito da Sabedoria^j.
- ⁸ Preferi-a aos cetros e aos tronos
e considerarei que a riqueza nada é, em comparação com ela.
- ⁹ Não a equiparei sequer à pedra preciosa,
porque, diante dela, o ouro todo não passa de um pouco de areia,
e, perante ela, a prata vale tanto como o barro.
- ¹⁰ Amei-a mais que à saúde e à beleza,
e antes preferi possuí-la do que à luz,
porque o esplendor que dela emana não tem ocaso.
- ¹¹ Com ela me vieram em conjunto todos os bens,
e, pelas suas mãos, riquezas incontáveis;
- ¹² regozijei-me com todas elas, porque foi a Sabedoria que mas trouxe,
embora eu não soubesse que tinha sido ela a gerá-las^k.
- ¹³ Aprendi-a sem a adulterar, reparto-a sem invejar,
e não escondo as suas riquezas,
- ¹⁴ pois ela é um inesgotável tesouro para os homens:
aqueles que a adquirem atraem a amizade de Deus,
e tornam-se recomendáveis pelos dons^l que advêm da instrução.

Invocação da inspiração divina

- ¹⁵ Que Deus me conceda a graça de^m falar com inteligência
e de meditar de um modo digno dos dons que me foram concedidosⁿ,

^g Os dez meses poderão indicar uma gestação completa, entendendo que a criança nasceria no início do décimo mês, ou então ser resultado de uma contagem a partir dos meses lunares.

^h Lit.: *igualmente chorando primeira voz semelhante a todos.*

ⁱ Lit.: teve outro princípio de geração.

^j Em 7,7-12, o autor faz uma alusão ao sonho de Salomão narrado em 1Rs 3,4-15, apresentando a Sabedoria como um dom divino, mas que implica uma escolha pessoal.

^k Lit.: *a geradora delas.*

^l Cf. também, por contraste, 3,10-12.

^m *A graça de é acrescento da tradução.*

ⁿ Lit.: *das coisas concedidas.*

porque é Ele o guia da Sabedoria
e quem dirige os sábios.

- ¹⁶ Com efeito, é nas suas mãos que estamos nós e as nossas palavras,
toda a prudência e inteligência prática^a.
- ¹⁷ Foi Ele quem me concedeu o verdadeiro conhecimento daquilo que existe^b,
para compreender a constituição do mundo e as propriedades dos elementos,
¹⁸ o princípio, o fim e o meio dos tempos,
a alternância dos solstícios e a mudança das estações,
¹⁹ os ciclos dos anos e as posições dos astros,
²⁰ a natureza dos animais e o instinto das feras,
a força dos ventos^c e os pensamentos dos homens,
a variedade das plantas e a força das raízes.
- ²¹ Tudo quanto existe, escondido ou manifesto, eu o conheci^d,
pois a Sabedoria, artífice de todas as coisas, mo ensinou.

Natureza e origem da Sabedoria

- ²² Nela há um espírito inteligente, santo^e,
único, múltiplo, subtil,
ágil, penetrante, imaculado,
lúcido, que não é vulnerável, amigo do bem, acutilante,
- ²³ livre, benfazejo, amigo dos homens,
firme, seguro de si, sereno,
que tudo pode, que tudo vê,
e que penetra todos os espíritos
inteligentes, puros, subteis.
- ²⁴ A Sabedoria é mais veloz do que qualquer movimento,
e, graças à sua pureza, tudo penetra e atravessa.
- ²⁵ É eflúvio do poder de Deus^f,
emanação pura da glória do Todo-Poderoso,
pelo que nada de impuro entra nela.

^a Lit.: *conhecimento de trabalhos*.

^b Nos vv.17-22 encontram-se referidos vários domínios do saber filosófico grego: cosmologia, astronomia, zoologia, botânica, medicina, filosofia e teologia, a que se junta o saber empírico em 8,8.

^c Ou *espíritos* (outra tradução possível para o grego *pnéuma*), se tivermos em conta os vv.22ss.

^d Reinterpretação de 1Rs 5,9-14, sobre os conhecimentos de Salomão, aqui acrescidos de saberes típicos da cultura grega.

^e Esta secção apresenta a natureza (7,22-24), a origem (7,25s) e a ação da Sabedoria (7,27-8,1), numa exposição personificada da Sabedoria, que parece desenvolver Pr 8,22-36, mas aqui já influenciada pela mundividência grega. Os vv.22-24 apresentam uma ideia inusitada: há um espírito na Sabedoria (no AT fala-se, sobretudo, de um *espírito sábio*), que é apresentado com vinte e um adjetivos neutros, ou seja, em três conjuntos de sete adjetivos, forma de apresentar a sua total perfeição; o adjetivo central é *amigo do bem* (v.22b), revelando como o *bem* é espontâneo da ação do Espírito.

^f Os vv.25s apresentam Deus como a origem da Sabedoria, o que, por sua vez, permite chegar à conclusão de que o seu Autor existe.

- ²⁶ É irradiação da luz eterna,
límpido espelho da ação de Deus
e imagem da sua bondade.
- ²⁷ Ainda que seja uma só, tudo pode^g,
sem nunca mudar^h, tudo renova
e, entrando nas almas santas de cada geração,
vai constituindo amigos de Deusⁱ e profetas^j.
- ²⁸ Com efeito, Deus apenas ama quem habita com a Sabedoria.
- ²⁹ Ela é mais esplêndida que o Sol,
e supera todas as constelações;
comparada com a luz, é ainda mais luminosa^k,
- ³⁰ pois a luz dá lugar à noite,
ao passo que a maldade não consegue subjugar a Sabedoria.

8 ¹Ela estende-se com vigor de um extremo ao outro
e governa adequadamente todas as coisas.

Sabedoria: esposa, amiga e conselheira

- ² Eu amei-a¹ e procurei-a desde a minha juventude
e procurei tomá-la por minha esposa,
tendo-me enamorado da sua beleza.
- ³ Ela manifesta a glória da sua nobreza por viver unida a Deus,
pois o Senhor^m de todas as coisas a amou.
- ⁴ De facto, ela é iniciada na conhecimento de Deus,
cujas obras é ela quem escolhe.
- ⁵ Se a riqueza é um bem apetecível na vida,
haverá maior riqueza que a Sabedoria, que tudo realiza?

^g A secção de 7,27-8,1 descreve a ação da Sabedoria, que tudo pode e renova sem jamais perder a sua identidade e sem se confundir com o universo (ao contrário do que defendiam as doutrinas panteístas), terminando por a identificar com a providência divina (8,1).

^h Lit.: *permanecendo nela*.

ⁱ Expressão que Is 41,8 aplica a Abraão, e Ex 33,11 a Moisés.

^j Mais que à categoria dos profetas bíblicos, a expressão refere-se aos que são intérpretes autorizados dos desígnios de Deus.

^k Lit.: *é encontrada superior*.

¹ A secção de 8,2-21 apresenta a Sabedoria como a verdadeira e importante esposa de Salomão e de todos os homens sábios (vv.2.9.17s), embora tal ideia não corresponda à atribuída vida amorosa de Salomão, relatada em 1Rs. A descrição da Sabedoria, como participante na intimidade de Deus (v.3), coroa a sua apresentação como possuidora da onnipotência divina (7,23.25.27) e colaboradora no ato criador (7,12.21; 8,4.6), pelo que será identificada com o santo Espírito de Deus (9,17). Estas afirmações serão retomadas pelo NT, sobretudo na cristologia e pneumatologia do Evangelho de João e das cartas paulinas (mormente em Ef e Cl).

^m Cf. 6,7 nota.

- ⁶ E se é a inteligência^a que o realiza quem, para além da Sabedoria^b, é artífice de tudo o que existe?
- ⁷ Alguém ama a justiça?
As virtudes são o seu fruto,
pois ela ensina a temperança e a prudência,
a justiça e a coragem^c;
para os homens, não há, na vida, nada de mais proveitoso.
- ⁸ E se alguém anseia por uma vasta experiência,
ela sabe as coisas do passado e adivinha as que estão para vir,
conhece as subtilezas das palavras e as soluções dos enigmas,
compreende antecipadamente sinais e prodígios,
e também o desenlace de cada momento e de cada tempo.

Sabedoria, companheira de vida

- ⁹ Decidi, por isso, tomá-la como companheira de vida,
por saber que me seria conselheira para o bem
e encorajamento nas aflições e na tristeza.
- ¹⁰ Por sua causa alcançarei glória entre as multidões
e, embora jovem, serei honrado pelos anciãos^d;
- ¹¹ serei reconhecido como perspicaz no julgamento,
e admirado aos olhos dos poderosos;
- ¹² se me calar, ficarão expectantes, se falar, prestarão atenção,
e se me alargar no discurso^e, levarão a mão à boca^f.
- ¹³ Por sua causa alcançarei a imortalidade^g
e deixarei memória eterna para os que virão depois de mim.
- ¹⁴ Governarei povos, e ser-me-ão submetidas nações;
- ¹⁵ Soberanos temíveis ficarão amedrontados ao ouvir falar de mim,
entre o povo mostrar-me-ei bom e, na guerra, corajoso.
- ¹⁶ Ao regressar a casa, descansarei junto dela,
pois a sua companhia não causa amargura,
nem dor viver com ela,
mas antes regozijo e alegria.

^a Ou *prudência* (tal como a palavra é traduzida no v. seguinte), entendida como sabedoria prática.

^b Lit.: *ela*.

^c Constituem, para a filosofia estoica, as quatro grandes virtudes; a teologia cristã apresentá-las-á como virtudes cardeais.

^d Lit.: *bonra junto de anciãos*.

^e Lit.: *e falando sobre muito*.

^f Gesto que significa silêncio de admiração (cf. Pr 30,32; Jb 29,9; 40,4; Sir 5,12).

^g Cf. 3,4 nota.

Necessidade da Sabedoria para governar

- ¹⁷ Ao pensar para comigo nestas coisas
e ao ponderar, em meu coração,
que a imortalidade^h está na familiaridade com a Sabedoria,
¹⁸ que na sua amizade há um nobre deleite,
no trabalho das suas mãos, uma inesgotável riqueza,
na sua assídua companhia, a prudência,
e no diálogo com elaⁱ, a celebridade,
comecei a ir por toda a parte à sua procura, a fim de a obter para mim.
¹⁹ Eu era um rapaz de boa índole^j,
e coube-me em sorte uma boa alma;
²⁰ ou melhor, por ser bom, vim para um corpo sem mancha.
²¹ Sabendo, porém, que não poderia possuir a Sabedoria^k a não ser que Deus ma concedesse
– e saber de quem procedia essa graça era já um fruto^l da prudência –
dirigi-me ao Senhor, supliquei-lhe
e disse-lhe de todo o meu coração:

Oração a pedir a Sabedoria (9,1-18)

- 9** ¹ Deus dos nossos pais^m e Senhor de misericórdia,
que tudo criaste com a tua palavra,
² e que por meio da tua Sabedoria formaste o homem,
para dominar sobre as criaturas que, por meio de ti, vieram à existência,
³ para governar o mundo em santidade e justiça,
e exercer o julgamentoⁿ com retidão de alma:
⁴ concede-me a Sabedoria que está sentada junto do teu trono,
e não me excludas do número dos teus filhos.
⁵ Porque eu sou teu servo e filho da tua serva,
um homem débil e de vida breve,

^h Cf. 3,4 nota.

ⁱ Lit.: *em participação de suas palavras/discursos*.

^j Ou *bem-nascido*, referindo-se à linhagem nobre de Salomão.

^k Lit.: *que de outra maneira não seria possuidor*.

^l *Um fruto* é acrescento da tradução.

^m 9,1-18 apresenta a oração de Salomão (1Rs 3,6-9 e 2Cr 1,8-10), constituída por três estrofes em estrutura concêntrica, em que a vocação universal enquadra a pessoal: A) vv.1-6: vocação humana e a sua fragilidade; B) 7-12: vocação pessoal; A') vv.13-18: vocação humana. Todas as estrofes, por sua vez, estão também estruturadas concentricamente, sendo o centro de cada uma constituído pelo pedido da Sabedoria (vv.4.10.17; a última petição identifica a Sabedoria com o Espírito Santo). A oração termina introduzindo a ação da Sabedoria na história bíblica (caps. 10-19).

ⁿ Lit.: *para que julgasse julgamento*.

- demasiado pequeno para compreender^a a justiça e as leis.
- ⁶ De facto, ainda que, entre os filhos dos homens, houvesse alguém perfeito, se lhe faltasse a Sabedoria que vem ti, seria considerado como nada.
- ⁷ Tu me escolheste de antemão^b como rei do teu povo, como juiz dos teus filhos e filhas;
- ⁸ disseste-me para construir um santuário no teu santo monte, e um altar na cidade onde estabeleste a tua tenda^c, imagem da tenda santa que preparaste desde o princípio^d.
- ⁹ Contigo está a Sabedoria, que conhece as tuas obras, que estava presente quando fizeste o mundo, que sabe o que é agradável aos teus olhos e o que é reto segundo os teus mandamentos.
- ¹⁰ Envia-a dos santos céus, fá-la vir do trono da tua glória, para que, estando comigo, tome parte nas minhas fadigas e eu saiba o que te é agradável.
- ¹¹ Ela tudo conhece e entende; ela me guiará com prudência nas minhas ações e proteger-me-á com a sua glória.
- ¹² Assim, ser-te-ão agradáveis as minhas obras, julgarei o teu povo com equidade^e e serei digno do trono do meu pai.
- ¹³ Com efeito, que homem poderá conhecer os desígnios de Deus? Ou quem poderá imaginar o que o Senhor quer?
- ¹⁴ Os pensamentos dos mortais são mesquinhos, e falíveis as nossas reflexões,
- ¹⁵ pois o corpo corruptível é um peso para a alma, e a tenda^f terrestre oprime a mente cheia de preocupações.
- ¹⁶ É com dificuldade que vislumbramos o que há sobre a terra, e é com esforço que descobrimos o que está ao alcance das mãos; quem poderá, então, sondar o que está nos céus?
- ¹⁷ Quem poderia ter conhecido os teus desígnios, se não lhe tivesses concedido a Sabedoria e se, do alto, não lhe tivesses enviado o teu espírito santo^g?

^a Lit.: *mais pequeno em compreensão*.

^b Salomão foi preferido a Adonias e aos seus irmãos (cf. 1Rs 1; 1Cr 28,5-6).

^c Lit.: *em cidade de tua tenda*.

^d Referência à *tenda* preparada por Moisés (cf. Ex 25,9.40).

^e Lit.: *julgarei justamente*.

^f A *tenda* é uma imagem recorrente para falar da precariedade da vida humana sobre a terra (Jb 4,21; Is 33,20; 38,12).

^g A expressão *espírito santo* refere-se à Sabedoria que é comparada ao Espírito divino (cf. 7,22).

¹⁸ Foram assim endireitadas as veredas daqueles que estão sobre a terra e os homens foram instruídos sobre o que te é agradável; eles foram salvos por meio da Sabedoria.

III. A SABEDORIA NA HISTÓRIA (10,1 – 19,12)

10¹ **De Adão a Noé**
¹ Foi ela quem protegeu o pai do mundo^h, o primeiro ser humano a ser formado:
 quando ele era ainda a única criaturaⁱ;
 foi ela quem o levantou da sua queda
² e lhe deu poder para dominar todas as coisas.
³ Mas quando, na sua ira, o iníquo Caim^j se afastou dela, pereceu pela sua cólera fraticida.
⁴ Por sua causa, o dilúvio submergiu a terra^k e, de novo, a Sabedoria a salvou, ao pilotar o justo Noé^l num frágil pedaço de madeira.

De Abraão a Moisés

⁵ E, quando as nações, unidas no mal, foram confundidas, foi ela quem reconheceu o justo Abraão^m, o guardou irrepreensível diante de Deus e o conservou firme, apesar do profundo afeto que tinha pelo filhoⁿ.
⁶ Enquanto os ímpios eram destruídos, foi ela quem livrou o justo Lot^o, que fugia do fogo que caía sobre as cinco cidades;
⁷ como testemunho daquela perversidade, resta ainda uma terra fumegante e desértica, árvores que dão frutos que não amadurecem^p, e uma coluna de sal que se mantém erguida, como memorial de uma alma incrédula^q.

^h Os caps. 10-19 apresentam a ação da Sabedoria ao longo da história bíblica, com uma especial ênfase nos acontecimentos do êxodo: a referência ao Mar Vermelho, em 10,18 e 19,7.10, cria uma grande inclusão para os caps. 11-19, onde se apresenta uma contraposição contínua entre os dons dados a Israel no deserto e a punição dos egípcios. Tal punição, no entanto, não é apresentada como um fim em si mesma, mas como um convite à conversão (11,23-26; 12,20).

ⁱ Lit.: *esta [o] pai do mundo, primeiro-formado, protegeu criado sozinho.*

^j *Caim* é acresceto da tradução (cf. Gn 4,8-13).

^k Lit.: *[ficou] submergida a terra.*

^l *Noé* é acresceto da tradução (cf. Gn 6,9; Ez 14,14.20).

^m *Abraão* é acresceto da tradução (cf. Gn 22).

ⁿ Lit.: *e guardou[-o] forte com entranhas perante o filho.* Apesar do amor pelo filho, Abraão mantém-se determinado em concretizar o que lhe parecia ser o mais correto: sacrificá-lo a Deus.

^o *Lot* é acresceto da tradução; os *ímpios* são uma referência aos habitantes de Sodoma e Gomorra (cf. Gn 19).

^p Lit.: *plantas portadoras de frutos com horas inacabadas.*

^q Referência à mulher de Lot (cf. Gn 19,26).

- ⁸ De facto, ao afastarem-se da Sabedoria, eles não só se privaram de conhecer o bem^a, como também deixaram aos vindouros^b a memória da sua insensatez, para que não passassem despercebidas as faltas que cometeram^c.
- ⁹ Mas a Sabedoria livrou de sofrimentos aqueles que dela cuidaram.
- ¹⁰ Foi ela quem conduziu por sendas direitas o justo Jacob^d, quando fugia da ira do seu irmão: mostrou-lhe o reino de Deus^e e deu-lhe a conhecer as coisas santas^f; fê-lo prosperar nas suas fadigas e multiplicou o fruto dos seus esforços;
- ¹¹ ela salvaguardou-o da inveja dos opressores^g e tornou-o rico;
- ¹² protegeu-o dos inimigos e defendeu-o dos que lhe armavam emboscadas; e, num duro combate, deu-lhe a vitória^h, para que soubesse que a piedade é mais poderosa que tudo.
- ¹³ Ela não abandonou o justo José, quando foi vendidoⁱ; pelo contrário, livrou-o de cair em pecado^j,
- ¹⁴ desceu com ele ao calabouço, e não o deixou enquanto esteve preso^k, até lhe entregar o cetro do reino e a autoridade sobre os seus tiranos; demonstrou a falsidade dos seus caluniadores, e concedeu-lhe uma glória eterna^l.

Moisés e o Povo de Israel

- ¹⁵ Foi ela quem livrou o povo santo, a estirpe irrepreensível, de uma nação de opressores^m;

^a Lit.: *causaram dano [a si] para não conhecer as coisas boas.*

^b Lit.: *à vida.*

^c Lit.: *para que naquelas coisas em que caíram nem pudessem esconder.*

^d Jacob é acrescento da tradução (cf. Gn 27).

^e Referência à escada que Jacob vê em sonhos (cf. Gn 28,10-17).

^f Lit.: *conhecimento de santos/coisas santas.* Este v. é de difícil interpretação: tanto o grego como o latim permitem duas leituras possíveis, que se desdobram em três: 1) *o conhecimento dos santos*, que pode ser interpretado como *capacidade de conhecer os santos*, ou como *capacidade de conhecer como os santos*; 2) a interpretação que a tradução propõe.

^g Lit.: *em inveja dos que o oprimiam esteve presente.*

^h Cf. Gn 32,25-33.

ⁱ Lit.: *ela não abandonou o justo vendido* (cf. Gn 37,12-36).

^j Lit.: *livrou-o de pecado.*

^k Lit.: *em cadeias.*

^l Referência à proeminência que José atingiu no Egito (cf. Gn 41,40-44).

^m Referência à libertação da escravidão do Egito (cf. Ex 19,6; Lv 19,2).

- ¹⁶ entrou na alma de um servo do Senhor, Moisésⁿ,
e fez frente a reis temíveis^o, com prodígios e sinais.
- ¹⁷ Deu aos santos^p a recompensa dos seus sofrimentos,
e conduziu-os por um caminho admirável;
foi para eles uma sombra durante o dia
e uma constelação de estrelas durante a noite^q.
- ¹⁸ Fê-los atravessar o Mar Vermelho
e conduziu-os através de águas caudalosas;
- ¹⁹ submergiu, porém, os seus inimigos
e depois vomitou-os das profundezas do abismo.
- ²⁰ Por isso, os justos despojaram os ímpios^r
e cantaram hinos, Senhor, ao teu nome santo,
louvando, em coro, a tua mão defensora,
- ²¹ porque a Sabedoria abriu a boca dos mudos
e deu eloquência^s à língua das crianças^t.

11 A Sabedoria e o Povo de Deus

- ¹ Fez prosperar as suas obras pela mão de um santo profeta, Moisés^u.
- ² Atravessaram um deserto inóspito
e acamparam^v em lugares intransitáveis;
- ³ fizeram frente aos adversários e repeliram os inimigos.
- ⁴ Tiveram sede e invocaram-te,
e foi-lhes dada água, que brotou da rocha escarpada,
remédio para a sede, vinda de uma rocha dura.

Primeira antítese: a água do Nilo e a água da rocha

- ⁵ Aquilo que serviu para os seus inimigos serem punidos,
também serviu para eles serem ajudados quando se encontravam em dificuldades^w.
- ⁶ Em vez da corrente contínua de um rio

ⁿ *Moisés* é acrescento da tradução.

^o Ou seja, ao faraó.

^p Para a expressão, cf. 6,10; trata-se daqueles que observam as normas divinas, que são santas.

^q A Sabedoria assume nesta releitura as competências de Deus, presente na nuvem, no êxodo do Egito (cf. Ex 13,21s).

^r Referência a uma tradição judaica conservada por Flávio Josefo (*Ant.* 2,16,6), segundo a qual os israelitas despojaram os cadáveres dos egípcios.

^s Lit.: *pôs clara*.

^t A primeira afirmação parece remeter para Moisés, por meio de quem Deus fala, apesar da sua dificuldade no falar (Ex 4,10; 6,12.30), enquanto a segunda poderá fazer eco de uma tradição judaica tardia, segundo a qual Deus concedeu às crianças a capacidade de o louvar (cf. Sl 8,3 LXX; Mt 21,16).

^u *Moisés* é acrescento da tradução (cf. Nm 12,7s; Dt 18,15.18).

^v Lit.: *fixaram tendas*.

^w Lit.: *pois através das coisas [com que] os seus inimigos foram punidos / através dessas coisas eles estando em dificuldades foram beneficiados*.

- turvado de sangue e lama^a
- 7 – que foi um castigo pelo decreto infanticida –
deste-lhes, sem que o esperassem, água abundante,
- 8 mostrando-lhes, por meio da sede que então passaram^b,
o modo como tinhas punido os seus adversários^c.
- 9 De facto, quando passaram pela provação – ainda que tenham sido corrigidos
com misericórdia –
compreenderam os tormentos por que passaram os ímpios, julgados com ira,
- 10 pois se aos teus^d os provaste como um pai que admoesta,
aos outros escrutinaste-os como rei implacável que condena.
- 11 Tanto os que estavam presentes, como os ausentes, eram atormentados do mesmo
modo;
- 12 com efeito, apoderou-se deles uma redobrada tristeza,
e gemiam, ao recordarem o passado^e,
- 13 pois, quando se deram conta^f de que, por meio das suas punições,
outros eram ajudados, aperceberam-se da presença^g do Senhor.

Primeira digressão: Deus ama a vida dos homens

- 14 Aquele mesmo Moisés^h, que outrora abandonaram nas águas e que depois rejei-
taram com escárnioⁱ,
no final dos acontecimentos passaram a admirá-lo,
depois de terem sofrido uma sede bem diferente da dos justos.
- 15 Perante os pensamentos insensatos próprios da sua iniquidade,
que os extraviavam a ponto de prestarem culto a répteis irracionais e a bichos
desprezíveis,
enviaste-lhes, como castigo, uma multidão de animais irracionais^j,
- 16 para ficarem a saber que, com aquilo com que alguém peca, é com isso mesmo
que é punido.
- 17 Não teria sido difícil à tua mão toda-poderosa

^a Outros traduzem *turvado* por *um sangue pútrido*.

^b Lit.: *da sede de então*.

^c A praga da água mudada em sangue, referida em Ex 7,14-25, é aqui lida como castigo pela ordem do faraó para se matarem à nascença todos os judeus do sexo masculino (cf. Ex 1,16,22).

^d Lit.: *estes*.

^e Lit.: *e [existia] gemido de lembranças das coisas passadas*.

^f Lit.: *ouviram*.

^g *Da presença* é acréscimo da tradução.

^h *Mesmo Moisés* é acréscimo da tradução (cf. Ex 1,20; 2,3).

ⁱ Lit.: *que foi lançado em exposição, rejeitaram escarnecendo*.

^j Devido ao culto que os egípcios prestavam a animais (tais como crocodilos, serpentes, lagartas, rãs, escaravelhos ou pássaros), foram punidos por Deus com esses mesmos animais: rãs (Ex 8,1s), mosquitos (Ex 8,12ss), moscas (Ex 8,20) e gafanhotos (Ex 10,12-15).

- a mesma que, da matéria informe^k, criou o mundo –
 enviar contra eles uma multidão de ursos, de ferozes leões,
¹⁸ ou de feras desconhecidas e criadas para o efeito^l, cheias de fúria,
 que exalasses baforadas de fogo,
 emitissem um fumo pestilento,
 ou lançassem terríveis centelhas dos seus olhos;
¹⁹ feras capazes não só de os aniquilar com o seu ataque^m,
 como de os exterminar apenas com o seu aterrador aspeto.
²⁰ Mas, mesmo sem nada disto, eles poderiam ter caído com um único sopro,
 perseguidos pela justiça
 e arremessados pelo teu sopro poderoso.
 No entanto, tudo dispuseste com peso, conta e medidaⁿ.
²¹ É-te sempre possível dispor da força de modo grandioso;
 quem poderá fazer frente ao poder do teu braço?
²² Porque, diante de ti, o mundo inteiro é como um grão de areia na balança^o,
 como uma gota do orvalho matinal que cai sobre a terra.
²³ Usas de misericórdia para com todos, porque tudo podes^p,
 e fechas os olhos aos pecados dos homens, esperando o seu arrependimento^q.
²⁴ Pois Tu amas tudo o que existe,
 e não detestas nada do que fizeste,
 pois se odiasses alguma coisa, não a terias criado.
²⁵ Ora, como poderia algo subsistir, se Tu não o tivesses querido,
 ou como se conservaria a sua existência^r se não tivesse sido chamado por ti?
²⁶ Mas és indulgente para com todos os seres^s, porque todos são teus, ó Senhor^t que
 amas a vida.

12¹O teu espírito incorruptível^u está em todos.
²Por isso, vais paulatinamente corrigindo os que caem,
 e os admoestas, lembrando-lhes aquilo em que pecaram,

^k Expressão provavelmente inspirada na filosofia grega (cf. Platão, *Timeu*, 51a) e aqui referida à terra informe de Gn 1,2.

^l Lit.: recém-criadas.

^m Lit.: cujo dano não só podia aniquilá-los.

ⁿ Lit.: com medida, número e peso.

^o Lit.: [pequeno] peso de balanças.

^p A onnipotência de Deus manifesta-se, paradoxalmente, no seu coração misericordioso, capaz de perdoar os ímpios e que é consequência de ser o Criador de todas as coisas (vv.24-26).

^q Lit.: para arrependimento.

^r A sua existência é acrescento da tradução.

^s Lit.: todas as coisas, embora se refira às que têm vida, como se percebe na continuidade do texto; dá a tradução apresentada.

^t Cf. 6,7 nota.

^u Expressão já utilizada por Zenão (filósofo estoico) para referir a alma do mundo; aqui tem como referente o sopro de Deus que se difunde pelas suas criaturas (cf. Gn 2,7; 6,3; Sl 104,29s; Jb 27,3; 34,14s).

- para que se afastem do mal e creiam em ti, Senhor.
- ³ Quanto aos antigos habitantes da tua terra santa,
- ⁴ Tu os execraste por realizarem coisas detestáveis, práticas de feitiçaria e rituais sacrílegos.
- ⁵ A esses cruéis assassinos dos próprios filhos^a, devoradores de vísceras em banquetes de carne humana e de sangue, no meio de orgias rituais,
- ⁶ a esses progenitores que assassinavam vidas indefesas, Tu os quiseste destruir pelas mãos dos nossos pais.
- ⁷ para que a terra que Tu mais estimavas^b acolhesse uma digna colónia dos filhos de Deus.
- ⁸ E, no entanto, mesmo a esses, Tu os trataste com indulgência, porque eram seres humanos: enviaste contra eles, como vanguarda do teu exército, apenas vespas,^c para não apressar o seu extermínio^d.
- ⁹ Bem poderias ter entregado^e em batalha os ímpios nas mãos dos justos, ou aniquilá-los de uma só vez por meio de feras terríveis ou com uma palavra implacável,
- ¹⁰ mas, ao julgá-los paulatinamente, davas-lhes a oportunidade de se arrependerem^f, sem ignorar, contudo, que a sua ascendência era má, que a sua maldade era congénita, e que a sua maneira de pensar jamais mudaria^g.
- ¹¹ Era, de facto, desde o princípio, uma estirpe maldita^h, e não foi por teres receio de alguém que lhes concedeste o indulto dos pecados.
- ¹² Pois quem te poderá perguntar: «Que fizeste?»ⁱ, ou opor-se a uma sentença tua? Quem te chamará a julgamento por destruíres nações que Tu mesmo formaste, ou se levantará contra ti para vingar homens iníquos^j?
- ¹³ Não há Deus além de ti, que se preocupe com todos^j, a quem tenhas de demonstrar que não julgas de modo injusto;
- ¹⁴ nem há rei ou soberano que possa desafiar-te por causa daqueles que puniste.
- ¹⁵ Sendo justo, tudo dispões com justiça:

^a Referência aos sacrifícios humanos de crianças, praticados pelos cananeus (cf. Dt 18,9-12).

^b Lit.: *a terra junto de ti mais estimada de todas.*

^c Cf. Ex 23,28; Dt 7,20; Js 24,12.

^d Lit.: *enviaste vespas [como] precursores do teu acampamento/exército, para os exterminar paulatinamente.*

^e Lit.: *não que fosses incapaz.*

^f Lit.: *lugar de arrependimento.*

^g Lit.: *não mudaria para o século.*

^h Cf. Gn 9,20-27.

ⁱ Lit.: *quem vingador a partir de homens iníquos virá a ti para levantamento?*

^j Ou *tudo.*

consideras incompatível com o teu poder punir quem não merece ser condenado.

- ¹⁶ A tua força é o princípio da justiça, e seres o Senhor de todos faz com que sejas indulgente para com todos.
- ¹⁷ Mostras a tua força perante aquele que não acredita na perfeição do teu poder e rejeitas o atrevimento daqueles que o conhecem^k.
- ¹⁸ Embora tenhas o domínio da força, Tu julgas com benevolência e é com grande indulgência que nos governas, visto que podes fazer uso do teu poder quando quiseres^l.
- ¹⁹ Ao agir deste modo^m, ensinaste ao teu povo que o justo deve ser amigo dos homensⁿ, e infundiste nos teus filhos a feliz esperança de que, depois do pecado, Tu concedes o arrependimento.
- ²⁰ Pois, se aos inimigos dos teus filhos, embora merecessem a morte, Tu os puniste com tanta atenção e indulgência, ao conceder-lhes tempo e ocasião para se afastarem do mal,
- ²¹ com quanto maior rigor não julgaste os teus filhos, a cujos pais, com juramentos e alianças, tão belas promessas fizeste^o!
- ²² Assim, ao castigares com moderação^p os nossos inimigos, nos vais educando, para que, ao julgarmos, tenhamos presente^q a tua bondade e, ao sermos julgados, esperemos misericórdia.
- ²³ Por isso, também atormentaste, com as suas próprias abominações^r, os que, na sua insensatez, levavam uma vida iníqua^s.
- ²⁴ Com efeito, eles extraviaram-se para muito longe pelos caminhos do erro, ao tomarem como deuses os mais vis e repugnantes animais^t, deixando-se enganar como crianças sem juízo.
- ²⁵ Por isso, como a crianças sem uso da razão,

^k Na primeira afirmação, o autor terá presente a atitude do faraó (Ex 7,1ss) e talvez, também, a dos pagãos do seu tempo (13,1-9); na segunda, parece referir-se aos judeus, seus contemporâneos, que, embora conhecendo Deus, vivem como os pagãos.

^l Lit.: *pois está presente para ti, quando queres, o poder.*

^m Lit.: *por meio de tais obras.*

ⁿ Como a própria Sabedoria em 1,6; 7,23.

^o Lit.: *deste juramentos e alianças de boas promessas.*

^p O texto grego apresenta *en myriótēti* (dez mil vezes), o que, no contexto, não parece ter muito sentido, além de que apenas ocorre aqui em todo o *corpus* da literatura grega. Assim, alguns autores, com fundamento, consideram tratar-se de uma confusão do copista com *metriotēti* (pois, nos unciais, a letra Y confunde-se facilmente com a letra T); a palavra proposta tem mais sentido no contexto, é comum em grego e é aparentada com *métron* (11,20).

^q Lit.: *ansiosos.*

^r Ou seja, com os animais representados nos ídolos (cf. Dt 7,26; 27,15).

^s Lit.: *os que vivem iniquamente em insensatez de vida.*

^t Lit.: *as coisas desonrosas das coisas vergonhosas [que existem] também em animais.* Alguns mss. apresentam uma variante que se poderá traduzir como *ao tomarem como deuses animais que até os inimigos desprezavam.*

submeteste-os a um julgamento que os expôs ao ridículo^a.

²⁶ Mas aqueles que nem sequer com tais correções burlescas se emendaram^b não de experimentar um julgamento digno de Deus.

²⁷ De facto, exasperados por se verem atormentados pelos mesmos animais que tinham considerado deuses e com os quais eram agora^c punidos, eles abriram os olhos^d e reconheceram como Deus verdadeiro Aquele^e que outrora negavam conhecer.

Por isso caiu sobre eles a condenação final^f.

13 Segunda digressão: condenação da idolatria

¹ Por natureza^g, são fúteis todos os homens que ignoraram Deus^h e que, a partir das coisas boas que estão à vista, não foram capazes de conhecer Aquele que éⁱ,

nem de reconhecer o Artífice prestando atenção às suas obras;

² pelo contrário, consideraram como deuses

o fogo, o vento, o ar ligeiro,

as órbitas dos astros, a água impetuosa ou os luzeiros do céu que presidem ao mundo^j.

³ Ora, se fascinados pela sua beleza, consideraram tais coisas como deuses, reconheçam quanto mais excelente é o seu Senhor^k, pois foi o Autor da beleza quem as criou^l.

⁴ E, se o que os impressionou foi o poder e a ação dessas suas criaturas^m, compreendam quanto mais poderoso é Aquele que as fez.

⁵ Pois, pela grandeza e beleza das criaturas, se pode, por analogia, contemplar o seu Autor.

⁶ No entanto, para esses homens a censura é menor,

^a Lit.: *enviaste o julgamento para ridículo*. Ao idolatrar animais vis, os egípcios expuseram-se ao ridículo, pois acabaram por ser atormentados pelos mesmos animais que cultuavam (cf. 11,15s).

^b Lit.: *mas os que foram emendados com divertimentos [ridículos] de correção*.

^c Agora é acrescido da tradução.

^d Lit.: *vendo*.

^e Cf. Ex 12,31s.

^f Só após esta última condenação (a morte dos primogénitos) é que o faraó, depois de sinais-castigos progressivos (Ex 7-11), permitiu a partida do povo (Ex 12,29-34).

^g De 13,1 a 15,19, o autor apresenta a crítica do paganismo, nomeadamente das especulações filosóficas de carácter religioso (13,1-9) e da idolatria (13,10-15,17), que atinge o ponto máximo na abominação da zoolatria (15,18s).

^h Lit.: *nos quais estava presente ignorância de Deus*.

ⁱ Referência ao nome de Deus, revelado a Moisés (Ex 3,14).

^j Referência a Gn 1,14-18: o Sol, criado para presidir ao dia, e a Lua, para presidir à noite, assim como as estrelas.

^k Cf. 6,7 nota.

^l Para os vv.3-5: cf. Jb 36,22-26; Sl 19,2; Is 40,12-14; Sir 43,9-12.

^m *Dessas suas criaturas* é acrescido da tradução.

- pois talvez andem extraviados,
mesmo procurando Deus e desejando encontrá-lo.
- 7 Com efeito, vivendo entre as obras de Deusⁿ, examinam-nas,
mas deixam-se seduzir pelas aparências, porque são belas as coisas que veem.
- 8 Contudo, nem sequer estes têm desculpa,
9 pois se foram capazes de conhecer tanta coisa,
a ponto de poderem sondar o universo,
como é que não encontraram rapidamente o seu Senhor?^o
- 10 São uns infelizes! Depositam a sua esperança em coisas inertes^p
aqueles que chamam deuses a obras feitas por mãos humanas,
a ouro e prata, trabalhados com arte,
e a figuras de animais,
ou a uma pedra inútil, esculpida no passado^q.
- 11 Imaginemos^r um lenhador que, depois de cortar uma árvore fácil de trabalhar,
lhe retirou habilmente toda a casca
e, aplicando a sua arte com destreza,
fabricou um objeto útil para as necessidades da vida;
- 12 Quanto às sobras do seu trabalho,
queima-as para preparar^s a comida, e fica saciado.
- 13 E quanto ao resto, que não servia para nada,
madeira retorcida e cheia de nós^t,
pôs-se a esculpi-lo nos seus tempos livres
e, com a perícia do seu saber, deu-lhe uma forma
tornando-o semelhante à imagem de um homem,
14 ou fazendo-o parecido a um qualquer vulgar animal;
deu-lhe uma demão de múnio e pintou-o de vermelho,
cobrindo totalmente todos os defeitos que nele havia.
- 15 Depois fez-lhe um nicho digno^u
e colocou-o na parede, fixando-o com pregos^v.
- 16 Tomou, assim, precauções para que não caísse,
pois sabia que ele não poderia ajudar-se a si mesmo,
visto que é apenas uma imagem e precisa de ajuda.

ⁿ Lit.: *dele*.

^o Cf. 6,7 nota. A resposta, no contexto do livro, é clara: faltava-lhes querer e pedir a Sabedoria.

^p Lit.: *em coisas mortas [estão] as esperanças deles*. Para os vv. 10-19, cf. Is 44,9-20; Jr 10,1-16; Br 6.

^q Lit.: *obra de mão antiga*.

^r *Imaginemos* é acrescento da tradução.

^s Lit.: *gasta para preparação*.

^t Lit.: *crescido com nós*.

^u O grego acrescenta *dele*.

^v Lit.: *com ferro*.

- ¹⁷ Ainda assim, o lenhador começa a rezar-lhe^a pelos seus bens, pelo seu casamento e pelos seus filhos,
sem se envergonhar de estar a falar para um objeto inanimado!
Invoca uma coisa que é fraca para obter saúde,
¹⁸ roga^b pela vida a uma coisa morta,
solicita ajuda a quem não lhe pode valer^c,
proteção para a viagem^d àquele que não pode usar os pés;
¹⁹ e, para os seus investimentos, negócios e trabalhos das suas mãos,
pede força a quem não é capaz de mexer as mãos^e.

14¹ Outros há que, prestes a navegar e a atravessar ondas violentas,
se põem a invocar um bocado de madeira^f mais frágil do que o barco que os transporta.

- ² A este ídolo^g foi a cobiça do lucro que o imaginou
e a sabedoria do artesão que o fabricou,
³ mas é a tua providência, ó Pai, quem guia o leme,
porque, mesmo no mar, traçaste um caminho
e um trilho seguro por entre as ondas,
⁴ demonstrando que podes salvar de todos os perigos^h,
de modo que até quem não tem experiência pode embarcar.
⁵ Tu não queres que sejam inúteis as obras da tua Sabedoria;
por isso, os homens confiam as suas vidas a um minúsculo pedaço de madeira,
e, mesmo que atravessem as vagas numa jangada, ficam a salvo.
⁶ Já no princípio, enquanto os soberbos gigantesⁱ pereciam,
a esperança do mundo, refugiada numa jangada^j,
legou aos tempos vindouros a semente de uma geração guiada pela tua mão.
⁷ Bendito é, pois, o madeiro, pelo qual vem a justiça!^k
⁸ Pelo contrário, maldito seja o ídolo^l, feito à mão, ele e quem o fez:
este por o ter fabricado, aquele porque, sendo corruptível, foi chamado um deus!
⁹ São igualmente detestáveis a Deus o ímpio e a sua impiedade,

^a Lit.: *Rezando* (*lenhador* é acrescento da tradução).

^b *Roga* é acrescento da tradução.

^c Lit.: *é mais inexperiente*.

^d Lit.: *proteção* é acrescento da tradução.

^e Lit.: *o mais impotente (com) as mãos*.

^f Provável referência à escultura colocada na proa (ou na popa) para proteger a navegação (At 28,11).

^g *Ídolo* é acrescento da tradução.

^h Lit.: *de toda a coisa*.

ⁱ Cf. Gn 6,4; Sir 16,7; Br 3,26.

^j Ou seja, Noé e os ocupantes da arca (cf. Gn 6).

^k Os Padres da Igreja interpretaram a passagem como uma profecia que se referia à cruz de Cristo.

^l *O ídolo* é acrescento da tradução.

- ¹⁰ e a obra será punida juntamente com quem a fez.
- ¹¹ Por tal razão, haverá uma intervenção de Deus^m também entre os ídolos dos gentios, porque se tornaram uma abominação entre as criaturas de Deus, um motivo de escândalo para as almas dos homens e uma armadilha para os pés dos insensatos.
- ¹² Com efeito, esta prostituiçãoⁿ teve origem na ideia de fazer ídolos, e a sua invenção levou à corrupção da vida.
- ¹³ Eles não existiam no princípio, nem existirão eternamente^o.
- ¹⁴ Com efeito, foi pela vaidade dos homens que entraram no mundo, e, por isso, será repentino o fim que lhes foi atribuído^p.
- ¹⁵ Um pai, inconsolável por um luto prematuro, ao fazer uma imagem do filho que tão antecipadamente lhe foi tirado, começou a honrar como deus aquele que antes era um homem morto, e instituiu para os seus subordinados mistérios e ritos de iniciação;
- ¹⁶ depois, com o tempo, este ímpio costume ganhou força de lei e, por ordem dos soberanos, as estátuas passaram a ser objeto de culto^q.
- ¹⁷ Como os homens, por residirem longe, não podiam honrá-los presencialmente, reproduziram a sua figura, que vivia à distância, fizeram uma imagem visível do rei que devia ser honrada, para, assim, adular com fervor o ausente, como se ele estivesse presente.
- ¹⁸ A ambição do artista impulsionou o incremento deste culto também entre aqueles que o desconheciam,
- ¹⁹ pois, por querer, talvez, agradar ao soberano^r, esforçou-se habilidosamente por tornar a figura o mais bela possível;
- ²⁰ e a multidão, atraída pela graciosidade da obra, passou a considerar como objeto de culto aquele que pouco antes era honrado apenas como homem.
- ²¹ E isto tornou-se uma cilada para o mundo^s, porque os homens, escravizados pela desgraça e pela tirania, atribuíram o nome incomunicável^t a pedras e a bocados de madeira.
- ²² Não lhes bastou extraviarem-se no que diz respeito ao conhecimento de Deus^u;

^m Lit.: *haverá visita* (cf. 2.20 nota); *de Deus* é acrescento da tradução.

ⁿ A idolatria, como infidelidade religiosa, é comparada, na teologia bíblica, à prostituição (cf. Jz 2,17; 8,27; Os 1,2).

^o Lit.: *para o século*.

^p Lit.: *o fim deles foi pensado*.

^q Lit.: *fortalecido como lei foi observado*. Em algumas edições (Ralfhs), o v.17 inicia-se aqui. Segue-se a versiculação da NVg.

^r Lit.: *ao que domina*.

^s Lit.: *para a vida*.

^t Ou seja, o nome de Deus revelado a Moisés (Ex 3,14).

^u Os vv.22-31 apresentam a idolatria como consequência da imoralidade.

pelo contrário, vivendo na grande guerra gerada pela ignorância^a, chamam paz a tais males.

- ²³ Celebrando ritos de iniciação infanticidas, mistérios secretos, ou orgias desvairadas com rituais extravagantes^b,
- ²⁴ já não conservam puros nem a vida nem o casamento; matam-se uns aos outros à traição, ou ultrajam-se mutuamente, cometendo adultério.
- ²⁵ Por todo o lado andam misturados sangue e homicídio, roubo e fraude, corrupção, deslealdade, tumulto, perjúrio,
- ²⁶ confusão de valores^c, esquecimento da gratidão, contaminação das almas, perversão sexual, desordem nos casamentos, adultério e libertinagem.
- ²⁷ Com efeito, o culto aos inomináveis ídolos é o princípio, a causa e o cume de todos os males,
- ²⁸ pois os idólatras^d ou celebram festas até ficarem tresloucados, ou profetizam falsidades, ou vivem na injustiça, ou perjuram com leviandade.
- ²⁹ Como confiam em ídolos inanimados, não temem ser castigados por jurar em falso^e.
- ³⁰ Porém, será dupla a sentença que os atingirá: por terem pensado mal de Deus, voltando-se para os ídolos, e por terem jurado de forma iníqua com falsidade, desprezando a santidade.
- ³¹ Com efeito, não é o poder dos ídolos por quem se jura, mas sim a punição que os pecadores merecem^f, aquilo que sempre persegue as transgressões dos iníquos.

15¹ Mas Tu, nosso Deus, és bondoso e verdadeiro, és paciente e tudo governas com misericórdia.

- ² Ainda que pequemos, somos teus, reconhecemos o teu poder;

^a Lit.: *em grande guerra de ignorância*.

^b Alusão aos rituais místéricos dionisíacos do mundo greco-romano, nos quais participavam apenas os iniciados e que se caracterizavam por grandes excessos. Em relação às iniciações infanticidas, embora fossem frequentes entre os antigos persas, os cananeus (cf. 12,5) e os fenícios, não está provado que os egípcios praticassem sacrifícios humanos. Já no mundo greco-romano eram muito raros, mas sabe-se que o senado romano teve de intervir, neste sentido, em 79 a.C., assim como também, mais tarde, Tibério. Assim, não é de estranhar que, potenciados pelo secretismo de tais reuniões, tivessem chegado aos ouvidos do autor rumores (provavelmente sem fundamento) sobre sacrifícios de crianças.

^c Lit.: *coisas boas*, interpretado como neutro e, por extensão, como *valores*; outra hipótese de tradução, interpretando como masculino: *desorientação dos bons*.

^d *Os idólatras* é acrescento da tradução.

^e Lit.: *mal jurando não aceitam ser injustiçados*.

^f Lit.: *a punição/justiça dos pecadores*.

- mas não pecaremos mais, porque sabemos que te pertencemos^g.
- ³ Conhecer-te é, de facto, justiça perfeita
e reconhecer o teu poder é a raiz da imortalidade.
- ⁴ Não nos extraviaram nem as artes perversas inventadas pelos homens,
nem o trabalho estéril dos pintores,
figuras esborratadas de várias cores,
- ⁵ cujo aspeto apaixona os insensatos^h,
a ponto de ansiarem pela forma inanimada de uma imagem morta.
- ⁶ Enamorados daquilo que é mau, são dignos de tais esperanças,
tanto os que as fazem, como os que anseiam por elas e aqueles que lhes prestam culto.
- ⁷ Também o oleiroⁱ, amassando com esforço a terra branda,
modela cada objeto para o nosso uso,
mas, com o mesmo barro, dá forma
tanto às vasilhas que servem um uso nobre,
como às que se destinam a um uso comum, e faz todas do mesmo modo;
aquele que trabalha a argila é quem determina o uso de cada uma delas.
- ⁸ Trabalhando de modo ímpio, o oleiro^j modela do mesmo barro um deus vazio,
ele que, pouco antes, nasceu da terra
e que, em breve, irá para o lugar de onde foi tirado,
quando lhe for reclamada a vida que lhe foi emprestada^k.
- ⁹ Contudo, ele não se preocupa por estar prestes a morrer,
nem por ter uma vida breve;
pelo contrário, compete com os ourives e com quem trabalha a prata, imita os
que forjam o bronze
e vangloria-se de modelar figuras falsas^l.
- ¹⁰ O seu coração é cinza, a sua esperança mais vulgar que a terra,
e a sua vida vale menos que o barro,
- ¹¹ porque ignorou Aquele que o modelou,
que lhe infundiu uma alma ativa
e lhe insuflou um espírito que faz viver;
- ¹² considerou a nossa vida um jogo,
a existência como uma feira de negócios,
pois o necessário – diz ele – é obter lucro, mesmo que provenha do mal.

^g Lit.: *somos contados para ti*. A expressão reflete a consciência de que a pertença ao povo da aliança e, portanto, a Deus é uma realidade irrevogável.

^h Lit.: *aspeto dos quais vai a insensatos para apetite*.

ⁱ A imagem do *oleiro* é frequente no AT (cf. Sir 38,29s; Is 29,16; 45,9; Jr 18,4), aqui em paralelo com o *hábil lenhador* de 13,11-19.

^j O *oleiro* é acrescento da tradução.

^k Lit.: *tendo[-lhe] sido reclamada a dívida da vida/alma*.

^l Lit.: *e conduz [van]glória porque modela coisas falsas*.

- ¹³ Ele, mais do que todos, sabe que está a pecar
ao produzir, com a mesma matéria argilosa, frágeis vasilhas e estátuas de ídolos^a.
- ¹⁴ Mas mais insensatos e mais desditosos do que a alma de uma criança^b
são os inimigos do teu povo, que o oprimiram^c,
- ¹⁵ porque consideraram como deuses todos os ídolos das nações,
cujos olhos não servem para ver^d,
nem o nariz para respirar,
nem as orelhas para ouvir,
nem os dedos das mãos para tocar,
e cujos pés são incapazes de andar.
- ¹⁶ Pois foi um homem que os fez,
modelou-os alguém cujo espírito lhe foi emprestado.
Ora, nenhum homem pode modelar um deus semelhante a si mesmo:
¹⁷ sendo mortal, com as suas mãos ímpias, produz uma coisa morta.
Todavia, ele é melhor que os objetos a que presta culto,
porque, mesmo sendo mortal^e, tem vida, enquanto aqueles jamais a terão.
- ¹⁸ Eles prestam culto até aos animais mais detestáveis
que, comparados com outros, são os mais estúpidos^f;
- ¹⁹ não têm beleza alguma que os faça atrativos à vista, como acontece com outros
animais^g:
escaparam, de facto, ao beneplácito de Deus e à sua bênção^h.

16 Segunda antítese: as rãs e as codornizes
¹ Por issoⁱ, foram justamente punidos por seres semelhantes a esses^j
e atormentados por pragas de bichos^k.

² Em vez de tal punição, agiste com benevolência para com o teu povo,
e, para satisfazer o seu apetite,

^a De ídolos é acrescento da tradução.

^b Criança no sentido de *párvulo*, ou seja, que ainda não atingiu a idade da discrição. O autor já afirmara que os adoradores de ídolos são *crianças sem juízo* (12,24), *crianças sem uso da razão* (12,25); volta agora a relacionar os idólatras com a ausência de senso que há nos bebés, considerando-os, por serem adultos, uns desgraçados.

^c Os egípcios, que oprimiram o povo antes do êxodo e que, de novo, o fizeram no tempo dos Ptolemeus.

^d Lit.: *para os quais nem [existe] uso de olhos para visão*.

^e *Mortal* é acrescento da tradução, de acordo com a NVg.

^f Lit.: *comparados aos outros, em estupidez, são piores*.

^g Lit.: *nem acontecem coisas belas de tal modo que sejam [grandemente] desejados, como em vista de [outros] animais*. A tradução apresentada segue a interpretação da NVg.

^h A bênção dada por Deus, na criação, a todas as suas criaturas (Gn 1,22.28; 2,3).

ⁱ O autor retoma a contraposição entre os egípcios e os israelitas, desenvolvendo e interpretando, num *midrash* contínuo, as narrativas bíblicas.

^j *A esses* é acrescento da tradução.

^k Lit.: *multidão de bichos*. Cf. Ex 7,26-8,20; 10,1-20.

preparastes-lhe codornizes, um alimento de exótico sabor¹.

- ³ Deste modo, enquanto os egípcios, embora famintos, perdiam o apetite, por causa do aspeto repugnante dos bichos que lhes tinham sido enviados^m, os israelitasⁿ, depois de terem, por pouco tempo, passado fome, saborearam um alimento exótico^o.
- ⁴ De facto, era necessário que uma fome^p implacável sobreviesse àqueles tiranos, enquanto aos israelitas^q bastava que se lhes mostrasse como eram punidos os seus inimigos.

Terceira antítese: os gafanhotos e a serpente de bronze

- ⁵ Pois mesmo quando lhes sobreveio a terrível fúria das feras e começaram a morrer com as mordeduras de sinuosas serpentes^r, a tua ira não se manteve até ao fim;
- ⁶ para sua correção foram atribulados por pouco tempo, mas tinham um símbolo de salvação^s, para se recordarem dos mandamentos da tua Lei.
- ⁷ De facto, quem se voltava para ele^t era salvo, não por causa daquilo que via, mas por causa de ti, o Salvador de todos.
- ⁸ E, deste modo, convenceste os nossos inimigos de que és Tu quem livra de todo o mal.
- ⁹ As picadas dos gafanhotos e das moscas mataram-os^u, sem que fosse encontrado um remédio para salvar^v as suas vidas, pois tinham merecido ser punidos desta forma;
- ¹⁰ aos teus filhos, porém, nem sequer os dentes das serpentes venenosas os venceram, pois a tua misericórdia interveio e curou-os.
- ¹¹ Eram picados – mas rapidamente curados –

¹ Lit.: *para satisfação de apetite, gosto estranho, / preparaste alimento de codornizes.*

^m Lit.: *para que aqueles, de facto, desejando alimento / por causa do mau aspeto das coisas enviadas / também perdessem o necessário apetite.* O acrescento da tradução *dos bichos* é inspirado na NVG.

ⁿ Lit.: *eles.*

^o Lit.: *partilharam [entre si] um alimento estranho.*

^p Lit.: *necessidade.*

^q Lit.: *a estes.*

^r Cf. Nm 21,4-7.

^s Referência à serpente de bronze (cf. Nm 21,8s). Nos vv.5-14 o autor apresenta uma nova contraposição entre o que aconteceu aos israelitas e aos egípcios: as mordeduras das serpentes nos israelitas no deserto (Nm 21,6-9) e as dos gafanhotos e moscas nos egípcios; no primeiro caso, foi uma ocasião para Deus manifestar a sua misericórdia; no segundo, causou o extermínio dos egípcios. O mesmo instrumento – o ataque de animais – é causa de perda para uns (v.9) e de salvação para outros (v.10).

^t *Para ele* é acrescento da tradução.

^u Referência ao conjunto das pragas dos gafanhotos (cf. Ex 10,4-15) com a das moscas e mosquitos (cf. Ex 8,12-20).

^v *Salvar* é acrescento da tradução.

a fim de recordarem as tuas palavras^a,
 não fosse acontecer que caíssem num profundo esquecimento,
 e ficassem excluídos dos teus benefícios.

¹² Não foi nem uma erva, nem um unguento que os curou,
 mas a tua palavra, Senhor, que tudo cura.

¹³ Tu tens poder sobre a vida e a morte,
 fazes descer até às portas da morada dos mortos^b e de lá trazes de volta.

¹⁴ Já o homem, com a sua maldade, é capaz de matar,
 mas não pode devolver um espírito que já partiu,
 nem resgatar uma alma aprisionada na morada dos mortos^c.

Quarta antítese: o granizo e o maná

¹⁵ É impossível escapar à tua mão.

¹⁶ Os ímpios, que recusavam conhecer-te,
 foram fustigados pela força do teu braço,
 perseguidos por chuvas insólitas, granizo e temporais implacáveis^d,
 e devorados pelo fogo.

¹⁷ E o mais surpreendente era que, com a água que tudo apaga,
 o fogo ainda mais ativo se tornava^e
 – de facto, o universo é defensor dos justos!

¹⁸ Umaz vezes a chama atenuava-se,
 para não queimar os animais enviados contra os ímpios,
 a fim de que, ao vê-los, compreendessem que era o julgamento de Deus que os perseguia;

¹⁹ Outras vezes, porém, mesmo no meio da água, ela ardia com uma força superior
 à do fogo,
 para destruir os produtos de uma terra iníqua.

²⁰ Em contrapartida, alimentaste o teu povo com o alimento dos anjos^f:
 sem que tivessem de se esforçar, ofereceste-lhes um pão já preparado, vindo do céu,
 que continha todos os sabores e correspondia a todos os gostos^g.

²¹ Este sustento dado por ti manifestava a tua doçura para com os teus filhos,
 pois adaptava-se ao gosto de quem o tomava
 e convertia-se naquilo que cada um desejava.

^a Lit.: *para recordação de tuas palavras*.

^b Lit.: *Hades*; cf. 1,14 nota.

^c *Morada dos mortos* é acrescento da tradução.

^d Referência aos elementos atmosféricos enviados, como castigo, contra os egípcios (cf. Ex 9,13-35).

^e O texto parece considerar que as pragas não se anularam, mas que se iam acumulando, ou seja, que as pragas anteriores ainda se encontravam em atividade quando caiu o granizo (Ex 9,13-35).

^f O maná (cf. Sl 78,25; 105,40).

^g Lit.: *podendo todo o sabor e harmonioso para todo o gosto*. Ao contrário de Ex 16,31, que afirma que o maná sabia a mel, e de Nm 11,8, que lhe refere um gosto oleoso, o texto afirma que ele continha e correspondia a todos os gostos, porque era um símbolo da doçura de Deus (v.s.).

- ²² A neve e o gelo^h resistiam ao fogo sem se derreter;
ficaram assim a saber que o fogo
– que ardia entre o granizo e cintilava entre a chuva –
destruía as colheitas dos inimigos;
- ²³ mas, noutra ocasiãoⁱ, para que os justos se alimentassem,
o mesmo fogo^j até da própria força se esqueceu.
- ²⁴ Com efeito, a criação, servindo-te a ti, que a fizeste,
avigora-se para punir os iníquos
e abrandece em benefício daqueles que em ti confiam.
- ²⁵ Por isso, também outrora ela assumiu toda a espécie de formas
ao serviço da tua generosidade, que a todos alimenta,
de acordo com a vontade daqueles que te suplicavam,
- ²⁶ para que os filhos que Tu amavas aprendessem, Senhor,
que não são as diferentes espécies de frutos que alimentam o homem,
mas que é a tua palavra que sustenta aqueles que em ti creem.
- ²⁷ Pois o que não foi destruído pelo fogo
simplesmente se derretia, queimado por um fugaz raio de sol,
- ²⁸ para que se soubesse que é necessário antecipar-se ao sol para te dar graças,
e ir ao teu encontro antes do despontar do dia^k.
- ²⁹ Pois a esperança do ingrato derreter-se-á como geadas de inverno
e escorrerá como água sem proveito.

17 Quinta antítese: as trevas e a coluna de fogo

- ¹ Grandes e difíceis de explicar são os teus juízos^l;
por isso, se extraviaram as almas sem instrução.
- ² Com efeito, os ímpios, que pretenderam oprimir o povo santo,
jazem prisioneiros das trevas e reféns de uma longa noite^m,
enclausurados debaixo dos seus tetos, foragidos da eterna providência.
- ³ Julgando que passavam despercebidos com os seus pecados secretos,
debaixo do obscuro véu do esquecimento,
acabaram por ser dispersados, aturdidos de medo,
e transtornados por alucinações.
- ⁴ Nem o esconderijo em que se refugiavam os resguardou do medo;
ao seu redor ressoavam ruídos que os transtornavam
e apareciam-lhes lúgubres fantasmas de rostos sombrios.

^h Expressões referidas ao maná, comparado ao orvalho (Ex 16,14) e ao gelo (Nm 11,7 LXX).

ⁱ Lit.: *de novo*.

^j Fogo é acrescento da tradução.

^k Lit.: *em direção a levantamento de luz*.

^l A respeito de 17,1-18,4, cf. Ex 10,21-23.

^m Ex 10,21-23; às trevas que envolveram os egípcios, contrapôs-se a coluna de fogo que iluminava os israelitas (18,1.3).

- ⁵ Não havia fogo algum que tivesse força suficiente para os iluminar,
nem o brilho resplandecente das estrelas
conseguiu alumiar aquela noite terrível.
- ⁶ Para eles apenas reluzia
um fogo que se acendia sozinho e que os enchia de medo,
e, quando desaparecia aquela visão, ficavam tão aterrorizados
que lhes parecia ainda pior o que viam^a.
- ⁷ Os truques ridículos das suas magias tinham fracassado^b,
e tornaram-se uma refutação humilhante da sabedoria de que faziam alarde^c,
- ⁸ pois os que prometiam expulsar os terrores e as perturbações das almas doentes
padeciam, eles mesmos, de um pânico risível.
- ⁹ E ainda que nada de perturbador os estivesse a amedrontar,
ficavam apavorados com a mera passagem de bichos e o sibilar dos répteis,
e sucumbiam, tremendo de medo^d,
recusando-se até a olhar para o ar, que em lado nenhum se pode evitar.
- ¹⁰ Com efeito, a maldade é cobarde e pelo seu próprio testemunho se condena;
pressionada pela consciência, imagina sempre o pior^e,
- ¹¹ pois o medo outra coisa não é senão a renúncia aos recursos da razão;
- ¹² quanto menor é a segurança interior,
maior se torna a ignorância do que causa o tormento.
- ¹³ Naquela noite realmente impotente^f,
saída das profundidades da impotente morada dos mortos^g,
enquanto dormiam o mesmo sono,
- ¹⁴ ora eram atormentados por monstros fantasmagóricos^h,
ora ficavam paralisados por lhes faltar a coragemⁱ.
Com efeito, caiu sobre eles um repentino e inesperado medo.
- ¹⁵ Assim, quem quer que caísse em tal situação^j
ficava encarcerado, recluso numa prisão sem ferrolhos;
- ¹⁶ fosse agricultor, pastor,

^a Lit.: *ao não verem aquela visão aterrorizados / consideravam pior as coisas vistas.*

^b Lit.: *os embustes de arte mágica jaziam.* Alusão aos feitos dos magos egípcios (cf. Ex 7,11.22; 8,3) que se revelam um fracasso para os seus autores (cf. Ex 8,14; 9,11).

^c Lit.: *e [foi] prova vergonhosa de pretensão acerca de inteligência* (cf. 8,6 nota).

^d *De medo* é acrescento da tradução. Algumas edições iniciam aqui o v.10, pelo que apresentam uma versiculação diferente a partir daqui e até ao final do cap.

^e *Consciência*: primeira ocorrência no grego bíblico da palavra *synetdēsis* (*consciência*) com o sentido de consciência moral, que gera um sentimento de culpabilidade que, por sua vez, se torna um peso insuportável, levando o culpado a viver num clima de constante temor, dando origem a alucinações e medos irracionais.

^f *Impotente* porque procede das trevas da impotente morada dos mortos (v.2).

^g Lit.: *Hades* (cf. 1,14 nota).

^h Lit.: *prodígios de fantasmas.*

ⁱ Lit.: *pela traição da alma.*

^j Lit.: *quem portanto uma vez ali tivesse caído.*

ou um trabalhador a labutar num lugar isolado,
sofria, surpreendido, o inevitável destino^k,
pois todos eles estavam amarrados por uma mesma corrente de trevas.

- ¹⁷ O vento sibilante,
o canto melodioso dos pássaros na ramagem frondosa,
a cadência da água a fluir impetuosa,
ou o estrondoso ruído das pedras a cair,
¹⁸ a corrida invisível de animais a galope,
o bruto rugido das feras^l,
ou o som que ecoava nas reentrâncias das montanhas,
tudo os deixava paralisados de medo.
¹⁹ De facto, o mundo inteiro era iluminado por uma luz esplendorosa,
e prosseguia sem obstáculos a sua atividade;
²⁰ apenas sobre eles se tinha estendido uma noite pesada,
imagem das trevas que estavam prestes a acolhê-los,
se bem que eles eram para si mesmos ainda mais pesados que as próprias trevas.

18¹ Para os teus santos, pelo contrário, havia uma luz fulgurante^m;
os egípcios, que ouviam as suas vozes mas não viam as suas figurasⁿ,
proclamavam-nos bem-aventurados, por não terem sofrido como eles,
² agradeciam-lhes por não se vingarem dos maus-tratos recebidos^o
e pediam-lhes, por favor, que se fossem embora^p.
³ Em vez de trevas, deste aos teus uma coluna de fogo^q,
para lhes servir de guia numa viagem desconhecida,
como sol inofensivo para a sua gloriosa migração.
⁴ Bem mereciam ser privados de luz e aprisionados nas trevas
aqueles que tinham aprisionado os teus filhos,
por meio dos quais haveria de ser dada ao mundo a luz incorruptível da Lei.

Sexta antítese: a morte dos primogénitos e a salvação do flagelo mortal

- ⁵ Àqueles que tinham deliberado matar os filhos dos teus santos,
– salvando-se apenas uma das crianças, que tinha sido exposta^r –
Tu lhes arrebataste, como castigo, uma multidão de crianças

^k Lit.: *surpreendido permanecia a necessidade difícil de evitar.*

^l Lit.: *A voz de feras rudíssimas a rugir.*

^m Lit.: *luz grandíssima; a coluna de fogo, expressamente referida no v.3 (cf. Ex 13,21).*

ⁿ Lit.: *dos quais [eles] ouvindo a voz mas não vendo a forma.*

^o Lit.: *porque, tendo sido maltratados, não faziam dano.*

^p Outra tradução possível: *e imploravam graça por [no passado] terem agido de maneira diferente.* Cf. 19,2; Ex 10,24; 11,8; 12,33.

^q Lit.: *em vez disto, coluna de fogo.*

^r Ou seja, Moisés.

e os fizeste perecer a todos juntos nas águas impetuosas.

- ⁶ Aquela noite foi dada a conhecer de antemão aos nossos pais^a, para que, tendo conhecimento seguro disto, se alegrassem por terem confiado nas promessas que lhes foram feitas^b.
- ⁷ Assim, o teu povo esperava tanto a salvação dos justos, como a perdição dos inimigos.
- ⁸ Pois ao mesmo tempo que castigavas os nossos adversários, nos glorificavas a nós, chamando-nos a ti^c.
- ⁹ Os santos filhos dos justos^d ofereciam sacrifícios em segredo^e e, de comum acordo, estabeleceram esta lei sagrada: que os santos seriam solidários nos bens e nos perigos; começaram, então, a cantar os hinos dos seus pais^f.
- ¹⁰ Ecoavam os gritos desvairados dos inimigos e difundia-se o clamor dorido dos que lamentavam os seus filhos^g.
- ¹¹ Com igual castigo era punido o escravo e o amo, e o homem comum padecia o mesmo que o rei.
- ¹² Todos, sem distinção, tinham mortos incontáveis, vítimas do mesmo género de morte; não havia vivos suficientes para os sepultar, porque num só instante perecera a sua geração mais preciosa.
- ¹³ Então, aqueles que se tinham mantido incrédulos por causa da suas práticas mágicas^h, perante a morte dos primogénitos, reconheceram que aquele povo era filho de Deus.
- ¹⁴ Enquanto um silêncio profundo tudo envolvia e a noite chegava a meio do seu curso,
- ¹⁵ a tua palavra toda-poderosaⁱ, vinda dos céus, emanada do trono real^j, precipitou-se, qual implacável guerreira, para o meio da terra destinada ao extermínio^k, empunhando a espada afiada do teu decreto irrevogável;
- ¹⁶ deteve-se e encheu tudo de morte: tocava o céu e caminhava sobre a terra.

^a O povo do êxodo (cf. Ex 11,4-7), como também os patriarcas (cf. 18,23s; Gn 15,13s; 46,3s).

^b Lit.: *para que seguramente sabendo se alegrassem com promessas em que confiaram.*

^c Lit.: *com o que castigaste os adversários / com isto chamando nos glorificaste.*

^d Lit.: *bons.*

^e Sacrifício da Páscoa, celebrado no segredo do interior das casas (cf. Ex 12,27; Dt 16,2.7).

^f Referência aos salmos do *Hallel*, que cantam a obra de Deus em favor do seu povo (cf. Sl 113-118).

^g Lit.: *[de] filhos lamentados.*

^h Alusão à magia dos egípcios (cf. Ex 7,11-13; 8,3.14; 9,11).

ⁱ Trata-se da palavra de Deus, fiel executora das suas ordens (cf. Is 11,14; 55,11; Jr 23,29; Os 6,5); esta personificação da palavra de Deus evoca a criação, onde Deus tudo cria através da sua Palavra (cf. Gn 1,3-26), e será desenvolvida e aplicada no NT a Jesus, Palavra de Deus encarnada (cf. Jo 1,1-18).

^j Lit.: *a partir de céus [vinda] de tronos reais.*

^k Lit.: *no meio do extermínio de terra.* O autor continua a referir-se à morte dos primogénitos (cf. Ex 11,4; 12,12.23.27.29). Para o *Exterminador*, cf. Ex 12,23.

- ¹⁷ Então, de repente, terríveis pesadelos¹ os perturbaram,
sobrevieram medos inesperados^m;
- ¹⁸ e eles, caindo moribundos por todo o lado,
manifestavam a razão pela qual estavam a morrer.
- ¹⁹ Com efeito, os seus sonhos turbulentos já os tinham prevenido disto,
para que não perecessem sem conhecer o motivo dos males que estavam a sofrerⁿ.
- ²⁰ A provação da morte atingiu também os justos,
e um grande grupo pereceu no deserto^o.
Mas essa ira não durou muito,
- ²¹ pois um homem irrepreensível apressou-se a sair em sua defesa,
empunhando as armas do seu próprio ministério:
a oração e o incenso propiciatório.
Fez frente à cólera e pôs fim à calamidade,
demonstrando que era teu servidor.
- ²² Ele venceu o furor da ira, não com a força do corpo,
nem pela ação das armas;
foi pela palavra^p que ele deteve aquele que os punia^q,
recordando os juramentos feitos aos pais e as alianças.
- ²³ Já os mortos se amontoavam uns sobre os outros,
quando ele se entrepôs, deteve a ira
e barrou-lhe o caminho em direção aos que ainda viviam.
- ²⁴ Na sua longa veste estava o mundo todo,
e os nomes gloriosos dos pais^r em quatro fileiras de pedras esculpidas
e a tua majestade no diadema da sua cabeça^s.
- ²⁵ Perante isto, o Exterminador^t recuou e ficou atemorizado,
pois uma única prova da tua ira era já suficiente.

19 **Sétima antítese: morte e salvação no Mar Vermelho**

- ¹ Mas sobre os ímpios^u caiu até ao fim uma cólera sem misericórdia,
pois Deus sabia de antemão o que eles haviam de fazer:
- ² que, depois de os terem deixado partir
e de lhes darem pressa para que se fossem embora,

¹ Lit.: *aparições/fantasia de sonhos terríveis*.

^m Os vv.17-19 não encontram suporte na narração do Êxodo.

ⁿ Lit.: *por que coisa sofrem mal*.

^o Lit.: *e matança de multidão aconteceu no deserto*.

^p Referência às palavras da liturgia, com a sua função de intercessão.

^q Ou seja, o anjo exterminador (v.25).

^r Lit.: *glórias de pais*.

^s Referência às vestes e insígnias sacerdotais de Aarão (cf. Ex 28,6s.36s; 39,2s.30s; Sir 45,6-22).

^t O *Exterminador* é a personificação do castigo de Deus contra o povo (cf. Nm 17,12-15) ou mesmo um anjo (Ex 12,23; 1Cr 21,15s).

^u Nos vv.1-9 faz-se uma leitura livre de Ex 14,15.

- eles mudariam de opinião e os perseguiriam^a.
- ³ De facto, ainda estavam nos funerais^b
e a lamentar-se junto das sepulturas dos mortos,
e já tomavam outra resolução insensata:
perseguir como fugitivos aqueles a quem antes tinham suplicado que partissem^c.
- ⁴ Arrastava-os para tal extremo um merecido destino,
que os fez esquecer o que se tinha passado,
para que sofressem a punição que ainda faltava aos seus tormentos;
- ⁵ e, enquanto o teu povo experimentou uma viagem extraordinária,
eles encontraram uma morte insólita.
- ⁶ De facto, toda a criação, ao serviço das tuas ordens,
tomava como outrora novas formas na sua própria natureza^d,
para que os teus filhos fossem guardados incólumes.
- ⁷ Viu-se a nuvem a cobrir de sombra o acampamento,
a terra seca a emergir de onde antes havia água,
o Mar Vermelho transformado num caminho desimpedido,
e as vagas impetuosas deram lugar a uma planície verdejante^e,
- ⁸ por onde passaram, como uma só nação, os que iam protegidos pela tua mão,
contemplando prodígios admiráveis^f.
- ⁹ De facto, como cavalos conduzidos ao pasto,
ou como cordeiros correndo aos saltos, iam louvando-te, a ti, Senhor, que os resgataste,
- ¹⁰ pois ainda se lembravam do que tinha acontecido no seu exílio,
de como as moscas brotaram da terra em vez de nascerem dos animais da própria espécie^g,
de como o rio, em vez de peixes^h, vomitara uma multidão de rãsⁱ.
- ¹¹ Por fim, viram uma nova espécie de pássaros,
quando, movidos pelo apetite, pediram comidas requintadas,
- ¹² e, para os satisfazer, do mar emergiram codornizes^j.

^a Lit.: *perseguirão mudando*.

^b Lit.: *tendo ainda em mãos as coisas de luto*.

^c Lit.: *aqueles que suplicando expulsaram, esses como fugitivos perseguiram*.

^d Lit.: *de facto toda a criação era de novo como antes formada em mesmo género*. Texto de difícil interpretação, mas cujo sentido parece ser o de que, para que o povo pudesse passar pelo Mar Vermelho, a natureza alterou a sua forma, tal como tinha acontecido na criação, quando Deus modelou a matéria informe (Gn 1).

^e Cf. Is 63,14, que utiliza a mesma imagem.

^f Referência aos dez milagres que a tradição rabínica associou à passagem do Mar Vermelho.

^g Lit.: *como contra geração de animais a terra fez brotar moscas/mosquitos*.

^h Lit.: *coisas que estão dentro de água*, idiomatismo para se referir aos animais aquáticos. Segue-se a interpretação da NVg.

ⁱ Referência à segunda (Ex 7,26-8,11) e à terceira pragas (Ex 8,12-15).

^j Cf. Nm 11,31.

IV. CONCLUSÃO (19,13-22)

Egito e Sodoma

- ¹³ Mas aos pecadores sobrevieram os castigos,
 não sem que violentos relâmpagos os antecedessem;
 com justiça sofriam pelas suas próprias maldades
 e por terem mostrado um profundo ódio pelos estrangeiros.
- ¹⁴ Outros houve^k que não acolheram uns visitantes desconhecidos,
 mas os egípcios^l escravizaram estrangeiros que tinham sido seus benfeitores.
- ¹⁵ E isto não é tudo. Pedir-se-á contas aos primeiros^m,
 por terem recebido com hostilidade os estrangeiros,
- ¹⁶ mas os egípciosⁿ, depois de terem acolhido em festa os que passaram a ter os
 mesmos direitos que eles,
 acabaram a maltratá-los com trabalhos forçados!
- ¹⁷ Por isso, foram feridos pela cegueira^o,
 como aqueles à porta do justo Lot^p,
 quando, envolvidos por densas trevas,
 cada um andava à procura da entrada da sua própria porta.

A nova criação e o maná

- ¹⁸ Os elementos da natureza iam mudando entre si as suas propriedades,
 tal como na harpa as notas fazem variar a natureza do ritmo,
 embora cada nota mantenha a sua sonoridade^q.
 É o que se pode claramente deduzir daquilo que aconteceu:
- ¹⁹ os seres terrestres tornavam-se aquáticos^r,
 e os que nadam^s passavam para a terra;
- ²⁰ o fogo aumentava a sua força na água,
 e a água esquecia a sua natural função de extinguir;
- ²¹ as chamas, pelo contrário, não consumiam a carne
 dos frágeis animais que por ali deambulavam,
 nem derretiam aquele alimento divino^t semelhante à geada que facilmente se derrete.

^k Referência aos habitantes de Sodoma, para quem os visitantes (família de Lot) eram desconhecidos, ao contrário dos egípcios, que bem conheciam os israelitas.

^l Lit.: *estes*.

^m Lit.: *certa visita haverá deles*; cf. 2,20 nota.

ⁿ Lit.: *eles*.

^o Referência às trevas no Egito (cf. Ex 10,21-28), postas em correlação com a cegueira dos habitantes de Sodoma (cf. Gn 19,11).

^p Lot é acrescento da tradução (10,6; Gn 19,11).

^q Lit.: *os sons variam o nome do ritmo / sempre mantendo-se em sonoridade*.

^r Alusão à passagem do Mar Vermelho.

^s Ou seja, as rãs (cf. Ex 8,2).

^t Lit.: *espécie de alimento de ambrósia*, alimento dos deuses no Olimpo, segundo a mitologia grega.

Proteção do Senhor

²² Em tudo, Senhor, engrandeceste o teu povo e o glorificaste,
e não deixaste de olhar por ele; em todos os tempos e lugares estiveste a seu lado.